

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ENFERMAGEM

***PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS***

Proposta Curricular apresentada à Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal de Goiás, como requisito para implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais e do Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da UFG.

GOIÂNIA
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Reitor: Prof^o. Edward Madureira Brasil

Vice-Reitor: Prof^o. Benedito Ferreira Marques

Pró-Reitora de Graduação: Prof^a. Sandramara Matias Chaves

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof^a. Divida das Dores de Paula Cardoso

Pró-Reitor de Administração e Finanças: Prof^o. Orlando Afonso Valle do Amaral

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof^o. Anselmo Pessoa Neto

Pró-Reitor de Desenvolvimento Inst. e Recurs. Humanos: Prof^o. Jeblin Antônio Abraão

Pró-Reitor de Assuntos da Comunidade Universitária: CD. Ernando Melo Flizzola

FACULDADE DE ENFERMAGEM

Diretor: Prof. Dr. Marcelo Medeiros

Vice-Diretor: Profa. Dra. Adelia Yaeko Kyosen Nakatani

Coordenadora da Pós Graduação *Stricto sensu*: Profa. Dra. Maria Márcia Bachion

Coordenadora de Pós-Graduação *Lato sensu*: Profa. Dra. Maria Alves Barbosa

Coordenador Administrativo: Alberto Batista da Silva

Coordenação dos trabalhos de elaboração do Projeto pedagógico do curso de

Enfermagem: Comissão de Ensino

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO DO PROJETO	01
2	DETALHAMENTO DO PROJETO POLÍTICO DO CURSO	04
2.1	Perfil do Curso	04
2.2	Pressupostos	05
2.3	Perfil dos Egressos	08
2.4	Orientações Metodológicas	11
2.5	Sistema de Avaliação de Ensino e Aprendizagem	14
2.6	Trabalho de Conclusão de Curso	15
2.7	Atividades Complementares	15
2.8	Estágio Curricular Obrigatório e Não Obrigatório	16
2.9.	Interação Ensino, Pesquisa e Extensão	17
2.10	Avaliação do Projeto Pedagógico de Curso	19
2.11	Política de Qualificação de Docente	21
3	ANEXOS	
3.1	Anexo I- Matriz curricular	22
3.2	Anexo II – Componentes Curriculares	23
3.3	Anexo III – Sugestão de Fluxo	25
3.4	Anexo IV – Ementário das Disciplinas	27
3.5	Anexo V - Fluxos Curriculares - Específico da Profissão e Específico da Profissão e Licenciatura	75

1. APRESENTAÇÃO

Este projeto propõe a reformulação curricular para o Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Goiás, atualizando e re-significando a formação do enfermeiro no atual contexto da saúde.

A Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás tem caminhado no sentido de superar o modelo pedagógico de ensino centrado em conteúdos fragmentados, que dissociam teoria-prática e universidade-serviço, com abordagem predominantemente biologicista, hospitalocêntrica e tecnicista. Tem introduzido metodologias educacionais diversificadas e inovadoras, com propósito de contribuir para que os alunos sejam capazes de buscar respostas para problemas relativos às situações de saúde de competência da enfermagem identificados na prática diária, por meio da integração entre os órgãos formadores e os utilizadores dos recursos humanos em formação.

Estas mudanças no ensino de graduação devem ser compreendidas como parte das transformações necessárias à construção de um novo status social à universidade. Para tanto, os desafios da realidade social requerem competências profissionais que implicam em novas formas de atuação, inserção e intervenção do enfermeiro em todos os níveis de atenção à saúde. Essa noção de competência deve ser re-significada, atribuindo-lhe um sentido que atenda aos interesses do profissional em formação. No sentido de ampliar a capacidade de leitura da realidade e de concretizar um fazer profissional comprometido com as legítimas necessidades da população é necessário que o aluno vivencie experiências diversificadas de trabalho, reflita o saber e a *práxis*, defina e implemente ações, avaliando suas consequências e alcance.

Assim, a construção desse currículo implica na diversificação de cenários de aprendizagem, na ampliação do tempo de atividade prática e na aproximação ao sistema de saúde propostos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem. Isto significa a viabilização de espaços para o desenvolvimento de competências e habilidades específicas da profissão, permeando a formação pela aprendizagem das políticas e práticas do Sistema Único de Saúde (SUS). Aprender o SUS na universidade requer aprender no contexto da *práxis* cotidiana do trabalho.

Para aprender no contexto do trabalho as estratégias de ensino devem ser capazes de oferecer unicidade à multiplicidade de conhecimentos e de fontes de informação, por meio da interdisciplinaridade, da transversalidade, da intersetorialidade, da inserção precoce do aluno nas atividades práticas e da interação ensino-assistência-extensão-pesquisa, incluindo a articulação entre alunos de graduação e os de pós-graduação.

Assim, esta proposta de reformulação curricular pretende comprometer-se com as necessidades do SUS, adotando a universalidade, a equidade, a humanização e, em especial, a integralidade como eixos norteadores da mudança curricular, articulando as práticas educativas integradas com os serviços de saúde e construindo conhecimentos relevantes ao SUS.

O crescimento econômico global e a modernização contribuíram com muitas mudanças em todo o mundo. Presenciamos prosperidade econômica, urbanização, queda das taxas de natalidade e avanços científicos proporcionando condições de vida melhores e prolongando a média de tempo de vida das pessoas. Vivemos uma transição demográfica e epidemiológica, caracterizada por mudanças nos padrões de saúde e doença: quedas de mortalidade infantil e natalidade, envelhecimento populacional e aumento das doenças não-transmissíveis e das causas externas.

Observamos, também, grandes desigualdades e dificuldades sociais que resultam em estresse, pressões sociais e aumento do uso de álcool e de outras drogas, que incrementam a violência, ceifando vidas ou incapacitando pessoas jovens. Soma-se a isto a mobilidade em grandes distâncias e em alta velocidade, de microrganismos nocivos à saúde humana, antes não presentes fora do seu local de origem, ao lado de doenças transmissíveis, endêmicas, ainda não controladas

De outro lado, também observamos grandes desigualdades e dificuldades sociais que resultam em estresse, pressões sociais e aumento do uso de álcool e de outras drogas, que incrementam a violência, ceifando vidas ou incapacitando pessoas jovens.

Nos últimos vinte anos, em vários países latino-americanos as lutas contra as ditaduras e a globalização contribuíram para a difusão do conceito de democracia e de cidadania. O Brasil, também inserido neste contexto e em resposta às pressões e aos movimentos sociais, instituiu no final dos anos de 1980 e início de 1990 o SUS. Após o estabelecimento das diretrizes constitucionais do SUS e das diretrizes curriculares nacionais previstas pela LDB, ficou mais evidente a necessidade do comprometimento das universidades para com o SUS e com produção de conhecimento relevante e útil para a construção e consolidação do sistema de saúde do país. Todas essas mudanças, bem como o progresso no acesso à informação também influenciaram, sobremaneira, o perfil esperado dos profissionais na consolidação do SUS neste novo panorama.

Assim, para garantir atenção integral, humanizada, de qualidade e fortalecer a autonomia dos sujeitos na produção da saúde, os órgãos formadores de recursos humanos para a saúde devem ser capazes de formar profissionais humanistas, críticos, flexíveis, éticos,

com competência para o trabalho em equipe, resolução de problemas locais, levando em conta a realidade social.

A equipe de enfermagem, composta por profissionais de nível superior (enfermeiros) e médio (técnicos e auxiliares de enfermagem), compõe a maior força de trabalho do setor saúde e tem um grande potencial para realizar mudanças. Em especial os Enfermeiros podem promover enorme impacto sobre a saúde, quando buscam excelência em uma prática que baseada na pesquisa e reconhecendo diversidades e semelhanças entre comunidades.

Portanto, é neste contexto que a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás apresenta este projeto de reformulação curricular. Nestes são descritos os objetivos do curso, os princípios norteadores e as expectativas em torno da formação do enfermeiro. Além disso, é delineada a forma em que se dará a integração ensino, extensão, pesquisa e articulação com os setores de serviços, bem como aponta as políticas de gestão de estágio, da prática acadêmica e da qualificação docente. Contempla, também, os princípios e estratégias de avaliação de aprendizagem, duração do curso, estrutura curricular e os desdobramentos previstos no Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da UFG: matriz curricular, elenco de disciplinas com as respectivas ementas e cargas horárias dos núcleos comum, específico e livre. Por fim, sugere um fluxograma para integração curricular e as atividades complementares do curso de Enfermagem.

A elaboração deste projeto se apoiou nas seguintes referências básicas:

- A Constituição Federal (artigo 200) que afirma ser atribuição do SUS o ordenamento da formação para a área, ou seja, o SUS deve interferir pela orientação da formação em coerência com as diretrizes constitucionais da saúde.
- A Lei Orgânica da Saúde (Lei nº 8142/ 1990 - artigos 13, 15 e 27) que determina o cumprimento do objetivo de contribuir para a organização de um sistema de formação em todos os níveis de ensino e, ainda, a constituição dos serviços públicos que integram o SUS como campos de prática para o ensino e a pesquisa, mediante normas específicas, elaboradas conjuntamente com o sistema educacional.
- A Constituição Federal (artigo 198) que define as diretrizes para as ações e serviços de saúde, primando por um atendimento integral por parte de seus profissionais.
- A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394 de 20/12/96, suas alterações e regulamentações), que atribuiu ao sistema educacional nacional a garantia dos padrões mínimos de qualidade do ensino, a vinculação entre a formação, o trabalho e as práticas sociais e, ainda, a integração das ações do poder público que conduzam à

melhoria da qualidade do ensino, à formação para o trabalho e à promoção humanística, científica e tecnológica do País.

- A Resolução CNE/CES nº 3 de 7 de novembro de 2001, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem e afirma que a formação do enfermeiro deve atender as necessidades sociais da saúde, com ênfase no Sistema Único de Saúde (SUS), assegurando a integralidade da atenção e a qualidade e humanização do atendimento.
- O Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da Universidade Federal de Goiás (2002) que propôs a reformulação dos cursos privilegiando três eixos: a flexibilização curricular, a participação do aluno e a interdisciplinaridade.

2. DETALHAMENTO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

2.1. Perfil do Curso

A Faculdade de Enfermagem tem se constituído nos últimos anos como um importante pólo de desenvolvimento da Enfermagem no Centro-Oeste, como um locus para reflexão e, principalmente, fórum de discussões sobre os grandes temas que permeiam o processo saúde-doença, especialmente no nível regional.

O Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás forma enfermeiros generalistas, críticos e reflexivos com referenciais éticos, humanistas e ecológicos capazes de:

- atuar nos níveis de atenção primária, secundária e terciária, em instituições de saúde tanto no âmbito de municípios do estado de Goiás como em outras regiões do país, ou em outros países, utilizando os métodos clínico e epidemiológico, entre outras, para analisar a situação de saúde de indivíduos, famílias, grupos e de comunidades, identificar situações que requerem intervenções de enfermagem, planejar ações necessárias para o atendimento à estas condições, selecionando estratégias adequadas, executar intervenções de enfermagem, em conformidade com o planejamento e avaliar os resultados alcançados;
- trabalhar na equipe de enfermagem, exercendo a supervisão destes trabalhadores no exercício da profissão, buscando a integralidade, qualidade e humanização do atendimento de enfermagem prestado no contexto da saúde;
- realizar ações em educação em saúde, cuidado de enfermagem e administração de serviços de enfermagem e de saúde, com base na análise crítica do conhecimento científico disponível;

- aprender a aprender que engloba aprender a ser, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a conhecer, de modo a vir a superar os desafios de renovadas condições de exercício profissional e de produção do conhecimento.

2.2. Pressupostos

Um dos principais papéis reservados à educação consiste em capacitar o ser humano para dominar seu próprio desenvolvimento, para que cada um tome seu destino nas mãos e contribua para o progresso da sociedade em que vive, baseando-se na participação responsável dos indivíduos e das comunidades.

A educação deve preocupar-se com saberes evolutivos, assim como em encontrar e assinalar referências que levem as pessoas a orientar-se para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos. Cabe às instituições formadoras redirecionar e questionar os marcos referenciais e conceituais de seus currículos, enquanto espaços de construção e circulação de saberes, que possibilitem a transversalidade e a interdisciplinaridade do conhecimento.

As metas fundamentais da aprendizagem devem ser os pilares do conhecimento: *aprender a conhecer* (adquirir instrumentos da compreensão), *aprender a fazer* (agir sobre o meio, competência técnica), *aprender a viver juntos* (participar e cooperar com os outros) e *aprender a ser* (desenvolvimento global do ser humano, decidir como agir nas diferentes circunstâncias da vida com autonomia, discernimento e responsabilidade).

O saber-aprender, o saber-fazer, o saber viver juntos e o saber-ser constituem quatro aspectos, sinergicamente ligados, de uma mesma realidade. A experiência vivida no cotidiano, assinalada por momentos de intenso esforço de compreensão de dados e de fatos complexos é o produto da dialética de várias dimensões. Se por um lado implica na repetição ou imitação de gestos e de práticas, por outro é, também, um processo de apropriação singular e de criação pessoal. Nesse contexto articula o conhecimento não formal ao formal, o desenvolvimento de aptidões inatas à aquisição de novas competências. A experiência singular de cada pessoa se inscreve, ao mesmo tempo, no campo cultural, no laboral e no da cidadania.

Assim, os saberes se entrelaçam e se enriquecem uns aos outros e suscitam o desejo contínuo de aprendizado. Cada indivíduo deve aprender a conduzir seu destino, num mundo onde a rapidez das mudanças se conjuga com o fenômeno da globalização para modificar a relação que homens e mulheres mantêm com o espaço e o tempo. A

educação torna-se o meio de chegar a um equilíbrio entre trabalho e aprendizagem, bem como ao exercício de uma cidadania ativa.

Para conseguir organizar a educação é preciso deixar de considerar as diferentes formas de ensino e aprendizagem como independentes umas das outras, sobrepostas ou concorrentes entre si, e procurar, pelo contrário, valorizar a complementaridade dos saberes.

É essencial, portanto, diversificar as ofertas de atividades educativas, diferenciando seus conteúdos (escapar a um modelo único, fonte de competição e muitas vezes de frustração); tipo de percursos educativos, preservando a coerência do conjunto; métodos e locais de aprendizagem (saber-fazer, alternância do local de trabalho, aprendizagem em serviço).

Diferentes cenários de ensino-aprendizagem permitirão ao aluno conhecer e vivenciar a dinâmica e as contradições do mundo do trabalho, situações variadas de vida, da organização da prática e do trabalho em equipe.

O mundo do trabalho em saúde constitui-se num espaço privilegiado de educação. Trata-se da aprendizagem de um conjunto de habilidades, que reconhece o valor formativo do trabalho. Esse reconhecimento implica que se leve em conta a experiência adquirida no exercício de uma profissão. Pontes entre universidade e *práxis* profissional podem ser concretizadas por meio de parcerias entre os órgãos formadores e os utilizadores dos recursos humanos em formação, especialmente aqueles vinculados ao SUS.

Este intercâmbio na formação acadêmica concilia os diferentes saberes, facilita o conhecimento de si mesmo, das dificuldades e oportunidades da vida profissional, favorecendo o saber orientar-se, a maturidade e a inserção social. É mister que a metodologia privilegie o real, a partir do qual os significados são construídos e transformados coletivamente, aproximando o conhecimento científico do cotidiano. A aliança da *práxis* ao conhecimento, valorizada na relação de quem ensina e de quem aprende, determina e é determinada pelo tipo de educação pretendida.

Ademais, as experiências de trabalho integrado e articulado entre as diversas áreas do saber, desde o início da formação do profissional enfermeiro, poderiam diminuir o impacto de transição acadêmica para a atividade profissional.

Por essas razões, esta proposta fundamenta-se na formulação de um modelo pedagógico calcado na interdisciplinaridade e transdisciplinaridade cuja meta mediata é a transformação no saber-fazer do profissional com resultados benéficos para a sociedade. A meta imediata é a permanente retroalimentação dos sistemas de ensino e de prestação

de serviços. Esta transformação metodológica possibilita um re-pensar da relação entre teoria e prática na construção do conhecimento.

O saber e o fazer integrados permitem uma leitura mais reflexiva e crítica da realidade, pela possibilidade de conexão entre a produção e a transformação do conhecimento, ou seja, o currículo aproxima-se da interdisciplinaridade. Essa possibilidade traz a mudança do foco do sujeito docente para o discente, que deve construir e exercitar sua autonomia, re-significando e articulando seu conhecimento a partir de uma leitura dialogada e própria, mediada pelo professor.

O Projeto Pedagógico também visa a articulação entre o ensino, pesquisa, extensão e assistência, que leve à formação de um profissional crítico, reflexivo e criativo, buscando uma formação integral e comprometida com a sociedade e que tenha como eixo, as necessidades de saúde apresentadas pelos usuários e identificadas pelo setor saúde.

Nesse sentido busca propiciar a interação ativa do aluno com usuários e profissionais de saúde desde o início da formação acadêmica, oferecendo ao aluno oportunidades de lidar com problemas reais, de assumir responsabilidades crescentes com resolubilidade, compatíveis com seu grau de autonomia. Quando os alunos enfrentam os problemas reais de sua profissão, sua compreensão tende a ser cada vez mais crítica e comprometida com a sociedade a qual integram.

Consideramos indispensável a inserção dos alunos no sistema prestador de serviços de saúde, em um processo participativo que se desenvolve em forma de espiral, levando-os a uma prática de ações de promoção e vigilância da saúde; de atenção à demanda espontânea e desenvolvimento de ações programáticas; de identificação de indicadores sentinelas nas diferentes micro-regiões e construção de um efetivo sistema de informações que viabilize o planejamento das ações globais.

Ao participar do cotidiano do trabalho em distintos momentos do curso, o aluno poderá adquirir flexibilidade em suas decisões e ações, integrar estudo e trabalho, observando e interferindo em diferentes níveis de complexidade e com diferentes enfoques. Sob esta perspectiva, a pluralidade no currículo propicia situações de movimentos entre os conteúdos, de tal forma que não haja um princípio e um fim, mas um ir e vir contínuo que favoreça e estimule o aprendizado e consolide competências e habilidades.

O mundo atual do trabalho exige um profissional com formação plural e que saiba trabalhar de modo transversal. Os conhecimentos, habilidades e atitudes do aluno devem ser mesclados por um fio condutor que liga uma disciplina às outras e, todas, ao cotidiano vivenciado, objeto da ação profissional.

A intenção é que a transversalidade como fio estruturador e condutor da aprendizagem, rompa com a compartimentalização do saber, impregne-se da vida cotidiana sem renunciar aos conteúdos teóricos, contextualize as relações interpessoais e potencialize valores e atitudes.

Desse modo, a transversalidade aponta para o reconhecimento de que é possível transitar pela multiplicidade das áreas do conhecimento, estabelecendo inúmeras conexões que ensinem o profissional a responder a uma demanda não só específica de sua área de atuação, mas global, enquanto cidadão.

Paralelamente, a interdisciplinaridade viabiliza a visão do todo, favorece a flexibilidade, a resolubilidade e o desenvolvimento de atitudes mais condizentes com a realidade social.

Assim, o referencial teórico trabalhado sob a ótica da transversalidade e da interdisciplinaridade pode diminuir as distorções entre teoria e prática e, mostrar ao aluno, a importância de compreender as diversidades e contradições do mundo real. Esse movimento também pode favorecer o compromisso social do aluno que deve entender-se como sujeito do processo de aprendizado e como instrumento de transformação da realidade.

Por fim, ressaltamos que a transformação acadêmica, em busca de um ensino inovador e mais articulado com a realidade social, necessita de capacitação permanente do corpo docente no que se refere à sua prática pedagógica; de modernização e ampliação das fontes de informação bibliográficas para docentes e discentes; de repensar critérios de avaliação e de interagir permanentemente com os sistemas de prestação de serviços.

2.3. Perfil do Egresso

Os enfermeiros formados por esta instituição deverão ser capazes de diagnosticar, planejar, gerenciar e intervir nos problemas e/ou situações de saúde-doença considerando o perfil epidemiológico nacional e regional e atuando com responsabilidade e compromisso social.

O desenvolvimento de Habilidades e Competências para o trabalho em enfermagem constitui-se num desafio para as escolas. Elas foram agrupadas nesse projeto seguindo as metas fundamentais da aprendizagem (pilares do conhecimento) já descritas: “aprender a ser”, “aprender a conhecer”, “aprender a fazer” e “aprender a viver juntos”.

Perfil e Competência e habilidade do egresso

- I. Reconhecer que o ser humano está em constante interação com outras pessoas e com o ambiente e que apresenta diferentes dimensões, expressões e fases evolutivas.
- II. Ser autônomo, crítico, criativo e solidário no exercício da aprendizagem e do trabalho, interrogando-se sobre o *por quê*, o *para que*, os *limites*, os *fins* da ação em saúde e as *necessidades* dos usuários do sistema de saúde.
- III. Reconhecer seu papel social enquanto trabalhador de saúde tendo em vista a integralidade, universalidade, equidade, resolubilidade e humanização do trabalho gerencial e assistencial.
- IV. Reconhecer-se como agente das práticas em saúde, considerando que elas expressam as articulações entre múltiplos atores, valores, saberes e poderes.
- V. Reconhecer-se como coordenador do trabalho da equipe de enfermagem.
- VI. Responsabilizar-se por seus atos, reconhecendo-se como autor destes e assumindo suas conseqüências.
- VII. Reconhecer seu compromisso social para com a sociedade, no que se refere à promoção, manutenção e recuperação da saúde dos indivíduos.

*Aprender a **conhecer**:*

- VIII. Refletir sobre o cuidar em enfermagem como responsabilidade social, considerando que esta abordagem é necessária para a reorientação da sua *práxis*, tanto em termos assistenciais, quanto gerenciais.
- IX. Considerar as abordagens clínica, epidemiológica e humanizada, bem como as evidências científicas e as transformações e expressões do contexto social e do setor saúde, para o planejamento de intervenções de saúde e de enfermagem.
- X. Considerar a natureza da organização do processo de trabalho em saúde segundo o paradigma da promoção da saúde, a interdisciplinaridade e a intersetorialidade.
- XI. Compreender a divisão do trabalho em enfermagem e em saúde, a natureza do objeto e da prática em saúde, considerando a inter e a transdisciplinaridade.
- XII. Reconhecer o papel social do enfermeiro nas estruturas consultivas e deliberativas do sistema de saúde e na dinâmica de trabalho.

*Aprender a **fazer**:*

- XIII. Unir, em sua prática profissional, a técnica à ciência, o saber-fazer ao saber porquê e a preocupação com o resultado à preocupação com o ser humano.

- XIV. Comprometer-se com o autodesenvolvimento e o processo de formação e qualificação continuada dos trabalhadores de enfermagem tendo em vista a excelência ao exercício profissional.
- XV. Desenvolver ações, dentro do âmbito profissional, de prevenção de doenças, promoção, proteção e reabilitação da saúde para o cidadão, grupos, família e comunidade.
- XVI. Incorporar a ciência e a arte do cuidar no exercício profissional.
- XVII. Exercer a autonomia profissional para aceitar ou negar determinadas práticas, em função de critérios éticos, legais, humanos, ecológicos e científicos e das necessidades da clientela.
- XVIII. Usar tecnologias de informação e comunicação.
- XIX. Desenvolver uma *práxis* humanizada, responsabilizando-se pela qualidade da assistência / cuidado e da gerência em enfermagem.
- XX. Gerenciar o trabalho de enfermagem em serviços de saúde, observando o custo-efetividade das intervenções.
- XXI. Assessorar órgãos, empresas e instituições em projetos de saúde.
- XXII. Desenvolver e participar de pesquisas e de outras formas de produção de conhecimento.
- XXIII. Coordenar o processo de cuidar em enfermagem.

Aprender a viver juntos:

- XXIV. Interagir com os profissionais dos serviços de saúde propiciando benefício mútuo, estimulando a cooperação acadêmica - profissional.
- XXV. Reconhecer a importância do cuidado à própria saúde física e mental e buscar seu bem-estar como cidadão e como enfermeiro.
- XXVI. Promover um ambiente social e humanamente digno no trabalho.
- XXVII. Desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe com compromisso e responsabilidade, de ser cooperativo.
- XXVIII. Associar-se a outras pessoas e instituições que compartilham ideais e interesses profissionais.

O curso de graduação em Enfermagem - **Modalidade Licenciatura** propiciará aos alunos experiências de aprendizagem para desenvolver, além daquelas como enfermeiro, as seguintes competências e habilidades:

- I. Atuar como docente no ensino profissional da área de saúde;

- II. Compreender criticamente a sociedade e o papel do educador em seus aspectos políticos, sociais, econômicos e históricos;
- III. Ser capaz de trabalhar interdisciplinar e coletivamente;
- IV. Aprender o contexto educacional e ser capaz de atuar na gestão, planejamento, execução e avaliação do processo educativo.

2.4. Orientações Metodológicas

As atividades teóricas e práticas presentes desde o início do curso permeiam toda a formação do Enfermeiro, de forma integrada e interdisciplinar. Para tanto é estimulada a implementação de metodologias no processo ensinar-aprender que estimulem o aluno a refletir sobre a realidade social e aprenda a aprender, a conhecer, a ser, a fazer, a viver junto, visando desenvolver essas habilidades no contexto da integralidade da atenção, da humanização da assistência, da construção da interdisciplinaridade e do trabalho em equipe.

A orientação que permeia esse processo é fundamentada nos princípios de aprendizagem ativa, que recomendam o processo ensino aprendizagem seja organizado por problemas e por projetos, que propõem tarefas complexas e desafios que incitem os alunos a mobilizar seus conhecimentos e, em certa medida, completá-los. Isso pressupõe uma ação pedagógica ativa, cooperativa e que analisa e reordena as atividades de ensino.

Entende-se que aprendizagem é o processo central na estrutura conceitual do currículo deste curso de graduação, numa dupla acepção: de um lado, como processo essencial ao desenvolvimento do ser humano e, de outro, como atividade para apreensão dos conhecimentos, habilidades e atitudes propostos no perfil do profissional a ser formado.

Embora o curso seja organizado em torno de um conjunto de disciplinas, são promovidas atividades integradoras visando garantir a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade. Nesse contexto o professor assume um lugar de mediador no processo de aprendizagem do aluno, negociando com os estudantes e, por vezes, direciona cenários de aprendizagem que sejam significativos e mais próximos da prática profissional.

Nestas concepções propostas de atividades de ensino-aprendizagem devem ser apresentadas e negociadas com os alunos. O professor deve ser capaz de mobilizar os alunos em torno da estruturação do próprio processo de ensino-aprendizagem. Para tal, deverá ser desenvolvida uma cultura de participação responsável, em que cada um encontra razões para se envolver nas atividades e seja capaz de situar sua contribuição no trabalho do grupo.

Algumas metodologias utilizadas têm sido bem sucedidas, tais como a problematização, o modelo de educação de laboratório e o ensino pela pesquisa.

A problematização parte da realidade concreta das necessidades de saúde das pessoas, família e comunidade, identificando os pontos-chaves, teorizando, e, aplicando as soluções possíveis, permitindo, dessa forma, construção do conhecimento pelo aluno e transformação das práticas profissionais a partir da aplicação do conhecimento apreendido.

Este método do ensino-aprendizagem aumenta a capacidade do graduando para pensar, refletir e tomar decisões na realidade da prática formando um profissional participativo, crítico, cooperativo e autônomo (BERBEL, 1995; DIAZ-BORDENAVE; PEREIRA, 1995)

O modelo de Educação de Laboratório integra as dimensões cognitiva, emocional, atitudinal e comportamental do processo ensino aprendizagem, buscando sempre a correlação entre teoria e aplicação no cotidiano (MOSCOVICI, 2001). Para tanto, o professor utiliza o ciclo vivencial da aprendizagem que integra alguns elementos para conduzir o processo de aprendizado. Este se inicia a partir de uma *vivência* elaborada partindo de um dado da realidade dos alunos, seguida da *análise* ou *processamento* dessa vivência, onde os integrantes do grupo de alunos compartilham o que experimentaram durante a vivência, refletindo sobre seus sentimentos, reações e emoções diante do vivido. Seguem nessa etapa discutindo sobre o nível participação de cada um e do grupo, avaliando os resultados alcançados. Na sequência se focaliza o quadro teórico que oferece embasamento a realidade analisada pelo grupo, indicando caminhos para a aquisição de conhecimentos, reflexões e comparações com aspectos reais do trabalho e da vida em geral. Por fim; a *conexão* ou *aplicação fecha* o ciclo teórico vivencial, pois é o momento em que cada participante busca a mudança, experimentando e testando novas formas de atuação na sua prática (MOSCOVICI, 2001).

Já o ensino baseado na pesquisa, desenhado por Demo (2000), é um método que segue um roteiro teórico - prático de educar para pesquisa que segue os pressupostos: 1) convicção de que educar pela pesquisa é especificidade mais própria para educação escolar e acadêmica; 2) o reconhecimento de que o questionamento reconstrutivo com qualidade formal e política é o cerne do processo de pesquisa; 3) a necessidade de fazer da pesquisa atitude cotidiana no professor e no aluno; 4) a definição de educação como processo de formação da competência histórica humana.

Os cenários das atividades de ensino, de natureza teórica e teórico-práticas são realizadas na Faculdade de Enfermagem, Faculdade de Educação, Faculdade de

Nutrição, Faculdade de Ciências Sociais, Instituto de Patologias Tropicais e Saúde Pública e Instituto de Ciências Biológicas.

As atividades de práticas clínicas serão realizadas em Unidades da Rede Pública de Saúde municipal, estadual e federal, tais como: Unidades Básicas de Saúde do Município, de Goiânia, São Luís de Montes Belo e de Firminópolis. Ambulatórios Especializados da Rede municipal (CRASPI – Centro de Referência para o Atendimento à Saúde da Pessoa Idosa), Serviço de Atendimento Móvel de Urgências (SAMU), Maternidade Nossa Senhora de Lourdes, Hospital de Doenças Tropicais (HDT), Hospital de Urgência de Goiânia (HUGO), Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST), Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás (setores de Clínica Médica, Cirúrgica, Maternidade, Pronto Socorro, Clínica de Doenças Tropicais; Central de Reprocessamento de Artigos, Centro Cirúrgico, Clínica Pediátrica, Ambulatórios de Especialidades).

Além desta rede, a FEN ainda conta para a realização de atividades de ensino clínico com Instituições de Saúde do tipo fundação: Centro de Reabilitação Dr. Henrique Santilo e Associação de Combate ao Câncer de Goiás – Hospital Araújo Jorge.

Somam-se à estas ainda as Organizações Não – Governamentais, como: Associação dos Ostromizados de Goiás e Organização das Voluntárias de Goiás – Condomínio Sagrada Família e Condomínio Vila Vida.

Nas atividades de ensino teórico a relação professor aluno é diversificada, em função das características da metodologia utilizada e da especificidade da atividade, podendo variar de 6 a 50 alunos. Nas atividades de prática clínica a relação será de 3 a 10 alunos, dependendo do local de realização das atividades e das características dos usuários. Em estágio supervisionado, a relação professor-aluno é de 1 a 4, dependendo da disponibilidade dos campos e da demanda de alunos pelo serviço.

Outras atividades práticas, não ligadas à prática clínica, mas sim à dimensão de atitude de responsabilidade e participação social, são realizadas em cenários como: Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Goiás; Conselho Regional de Enfermagem – GO; Conselho Municipal de Saúde e Conselho Estadual de Saúde.

Outros cenários podem ser utilizados, na medida em que a FEN visualize a possibilidade de contribuição no processo ensino-aprendizagem e integração ensino-serviço mediante convênio.

2.5. Sistema de Avaliação de Ensino e Aprendizagem

As avaliações dos alunos serão baseadas nas competências, habilidades e conteúdos curriculares desenvolvidos, tendo como referência as Diretrizes Curriculares.

A avaliação da aprendizagem se constitui em um processo formativo e permanente de reconhecimento de saberes, competências, habilidades e atitudes desejado em cada disciplina e período, considerando a individualidade do aluno e favorecendo sua formação com qualidade e competência. Esta é concebida como um instrumento de acompanhamento de todo o processo ensino-aprendizagem, devendo ser iniciada desde o ingresso do aluno no curso, de maneira processual, identificando as necessidades e dificuldades dos mesmos e propondo estratégias capazes de superar essas dificuldades. Vale destacar que a tarefa da prática avaliativa tem como premissa, a constante reflexão dos docentes sobre sua prática pedagógica e o acompanhamento do aluno na sua caminhada de construção do conhecimento, tendo clareza de que o erro é o ponto de partida para esclarecimentos e nunca para servir como motivo de punição.

A avaliação terá como principal função ajudar a promover e a melhorar a formação dos alunos, por meio da análise dos processos de ensino e de aprendizagem. Para aqueles alunos com dificuldades no processo ensino-aprendizagem, será analisada a situação de modo geral, instituindo estratégias de apoio adequadas para cada caso.

A avaliação deverá basear-se em dois princípios, a saber:

- a) consistência entre processos de avaliação e aprendizagens e competências esperadas, isto é, os instrumentos de avaliação, em cada disciplina, serão adequados à diversidade de saberes que se pretendem alcançar;
- b) primazia pela avaliação formativa, que se deseja contínua, sistemática, individualizada e participativa, acompanhando continuamente o progresso de cada aluno, identificando os sucessos, em termos de conhecimentos e competências, e que descreva as dificuldades, informando o aluno das estratégias e/ou formas de superá-las.

Nesta perspectiva, a auto-avaliação e a hetero-avaliação assumirão um papel central, quer na avaliação de atividades individuais e de trabalhos efetuados em grupo, quer na avaliação global das aprendizagens de cada disciplina. No final de cada disciplina, terá lugar a avaliação somativa com a atribuição da respectiva nota.

Estará habilitado a receber o certificado de Enfermeiro: Específico da Profissão e de Licenciatura em Enfermagem, o aluno que obtiver média final igual ou superior ao valor regulamentado na UFG, nas avaliações das disciplinas, além de concluir com aproveitamento o Trabalho Final de Curso.

2.6. Trabalho de Conclusão de Curso

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem por finalidade aproximar o discente do método científico, realizando pesquisa em áreas de competência do profissional enfermeiro de modo a aprofundar e/ou aplicar conhecimentos adquiridos ao longo do curso.

Para integralização do curso independentemente da modalidade cursada, o aluno deverá elaborar um Trabalho de Final de Curso (TCC) sob orientação docente

O TCC será avaliado em duas etapas na disciplina TCC1 e TCC2. Na primeira, o aluno fará a entrega do cadastro do orientador e do projeto de pesquisa, de acordo com as normas gerais de orientação para elaboração de TCC. Na segunda, o aluno apresentará os resultados de seu estudo (TCC) em forma de artigo científico, segundo as normas da Revista Eletrônica de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da UFG. A responsabilidade metodológica do TCC será do professor-orientador, cabendo a ele junto ao aluno a definição do tema e desenvolvimento do estudo.

Os trabalhos poderão ser realizados em grupo de até três alunos, com a anuência do orientador. A avaliação final do TCC será realizada por uma banca examinadora composta por três pessoas, sendo obrigatoriamente um deles o orientador, além de pelo menos um docente da Faculdade de Enfermagem, mediante apresentação pública do trabalho.

Será facultada ao aluno participante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica ou Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica, a apresentação do seu relatório final aprovado pelo Comitê Externo do CNPq, em forma de artigo, para fins de avaliação, em substituição ao TCC. Alunos que publicaram, nos últimos dois anos do curso, artigos científicos em periódicos indexados, com corpo editorial, serão dispensados do TCC, mediante solicitação do orientador da pesquisa, à coordenação da referida disciplina, contendo a devida justificada e descrição da participação do aluno, além da apresentação da cópia do manuscrito publicado. Cabe ao docente responsável pela disciplina TCC avaliar a solicitação e o material recebido, sendo que, em caso de deferimento, será atribuída nota integral.

2.7. Atividades Complementares

Reconhecendo que os conhecimentos, habilidades e competências podem ser adquiridas fora do contexto previsto na estrutura formal das disciplinas, estão previstas para integralização curricular a realização de atividades complementares para a formação do enfermeiro. Consistem em:

- atuação em monitoria de disciplinas, no âmbito da UFG, com ou sem bolsa.
- participação em atividades ou projetos de pesquisas, cadastrados na PRPPG, devidamente certificadas pelo coordenador do projeto ou orientador, com ou sem bolsa (Iniciação Científica, Estágio, Monitoria, Licenciatura, Extensão).
- participação em atividades ou projetos de extensão, com ou sem bolsa, devidamente cadastrados na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.
- realização de atividades previstas nas bolsas-trabalho na UFG;
- participação em eventos científicos (conferências, seminários, palestras, congressos, debates, entre outras) como ouvinte, relator de trabalho, monitor ou membro de comissão organizadora;
- estágios extracurriculares na área de enfermagem, que atendam a legislação pertinente;
- atividades desenvolvidas pela Secretaria Municipal de Saúde (SMS), Secretaria Estadual de Saúde (SES) e Ministério de Saúde (MS), junto à população (campanhas, por exemplo)
- cursos relacionados ao exercício da profissão (línguas, informática, LIBRAS, entre outros)

Outras atividades não descritas serão consideradas casos omissos e serão analisados por uma comissão especialmente designada pelo Coordenador de Curso.

A carga horária dessas atividades deve totalizar um mínimo de 100 (cem) horas para efeito de integralização curricular, para o Específico da Profissão e de 200 horas para Licenciatura em Enfermagem, observando-se a legislação emanada pelo Conselho Nacional de Educação.

2.8. Estágio Curricular Obrigatório e Não Obrigatório

Os estágios curriculares são obrigatórios para os alunos regularmente matriculados no Curso de Graduação em Enfermagem da FEN-UFG e constituem uma das estratégias para aproximação do educando com os campos de prática e conseqüentemente com o mundo do trabalho, o que irá contribuir para a potencialização da sua aprendizagem no âmbito da assistência, gestão, educação e pesquisa nas diversas áreas, no contexto da saúde e da Enfermagem.

São considerados como estágios obrigatórios: as atividades práticas vinculadas às disciplinas curriculares e sob a responsabilidade e acompanhamento direto dos docentes nas diversas disciplinas do curso. Os Estágios Supervisionados em Enfermagem I, II e III, com 20% da carga horária do curso, são realizados no 9º e 10º período com carga horária específica, são considerados pré-requisitos para conclusão do curso de graduação.

Os locais de estágios obrigatórios são os serviços de saúde públicos de atenção à saúde comunitária, hospitalar, em escolas de ensino básico e profissionalizante, em nível federal, municipal e estadual.

Na Modalidade Licenciatura em Enfermagem, o aluno deverá realizar o estágio supervisionado em instituições educacionais, especialmente escolas de ensino médio profissionalizante em Enfermagem, a partir do 7º período do curso, com carga horária de 400 (quatrocentas) horas.

O professor orientador das atividades práticas e estágio supervisionado, indicado pela FEN-UFG, é o responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades de cada estagiário sob sua responsabilidade.

A jornada de atividades de cada aluno é de 6 (seis) horas diárias ou 30 (trinta) horas semanais. A jornada de atividades de 8 horas diárias ou 40 (quarenta) horas semanais pode acontecer no período onde não estejam programadas aulas presenciais.

O estágio não obrigatório poderá ser realizado por iniciativa do próprio aluno considerando a sua disponibilidade, visto que o curso de graduação em enfermagem é em tempo integral, e disponibilidade da contratante, conforme os requisitos vigentes expressos na Lei de Estágio 11.788 de 25 de setembro de 2008.

O contratante (empresa, órgão, autarquias ou pessoas jurídicas de Direito público e privado) deve:

- designar como supervisores, enfermeiros devidamente registrados no Conselho Regional de Enfermagem
- designar um supervisor para até 10 estagiários, com formação ou experiência profissional
- enviar uma avaliação semestral do estagiário para a FEN-UFG e um resumo de atividades ao próprio estagiário ao final do treinamento.

A instituição pública ou privada que reincidir em alguma irregularidade ficará impedida de receber estagiários por dois anos, contados da data da rescisão do processo administrativo. A manutenção do estagiário em conformidade com a Lei 11.788 de 25 de setembro de 2008 que caracteriza vínculo de emprego ao educando com a parte concedente do estágio.

2.9. Interação Ensino, Pesquisa e Extensão

A interação ensino-serviço-pesquisa-extensão é uma política da FEN, em conformidade com a política da UFG. Embora estas atividades sejam distintas, são compreendidas como interdependentes.

As atividades de extensão envolvem os alunos de graduação, considerando o período de formação, com a finalidade de realização segura das ações, tanto para a comunidade como para o aluno. Estas vivências contribuem para sua formação profissional. Por outro lado, os docentes envolvidos nos projetos desenvolvem atividades na sua área de saber, que é a mesma onde atua no ensino. Desta forma, re-cria o conhecimento, identifica problemas e objetos de pesquisa, o que transforma o ensino e contribui para a articulação entre os cenários da realidade de saúde e a produção do conhecimento.

Nos Núcleos de Pesquisa, as atividades de investigação envolvem alunos de graduação, de forma integrada com os da pós-graduação, sob a orientação de um ou mais pesquisadores docentes. Os temas de investigação são desenvolvidos na área de domínio dos docentes, que, assim, produzem um ciclo de criação-recriação do conhecimento, que desenvolvem no ensino de graduação. Por outro lado, o ambiente de pesquisa, em temas pertinentes à sua etapa de formação, contribuindo para a aprendizagem.

As oportunidades de envolvimento em atividades e projetos de pesquisa e extensão são divulgadas aos alunos de diferentes formas, iniciando no primeiro período, no processo de acolhimento. Ao longo do curso, são realizados recrutamentos, de forma aberta ou induzida, considerando-se a vocação dos alunos, disponibilidade dos orientadores e projetos em execução. Os alunos, por sua vez, demandam estas oportunidades, por iniciativa própria, aos professores que desenvolvem temas de pesquisa de seu interesse. Temos buscado a integração ensino-serviço, mediante o estímulo e a abertura para a participação de enfermeiros das instituições em que são desenvolvidas atividades de ensino, nos movimentos de discussão do currículo na FEN, no planejamento dos estágios curriculares, nas atividades de educação permanente.

Nos projetos de pesquisa desenvolvidos pela FEN buscamos a parceria com os serviços de saúde, envolvendo profissionais nas atividades de previstas no estudo. Por outro lado, da interação enfermeiro de serviço de saúde- docente, resulta muitas vezes na identificação de problemas e objetos de pesquisa, necessários à prática profissional.

Os serviços de saúde, instituições de modo geral, a sociedade civil organizada e os alunos de graduação trazem demandas para a FEN, de realização de atividades e projetos de extensão, o que, na medida da disponibilidade dos docentes, e relevância da atividade para a formação profissional do enfermeiro, é devidamente acolhido e desenvolvido.

2.10. Avaliação do Projeto de Curso

O Curso de Graduação em Enfermagem deve utilizar metodologias e critérios para acompanhamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem e do próprio curso, em consonância com o sistema de avaliação e a dinâmica curricular definidos pela UFG.

A avaliação do Projeto Pedagógico de Curso da FEN tem a finalidade de melhoria da qualidade do curso de Enfermagem, das atividades desenvolvidas nos projetos de ensino, pesquisa e extensão. Os objetivos da avaliação constituem:

- 1) fazer um diagnóstico constante das fortalezas e fragilidades do curso de graduação, abrangendo as atividades curriculares e extracurriculares que envolvem o processo de formação, com vistas ao planejamento e implantação de mudanças necessárias e as inovações exigidas pelo mercado de trabalho;
- 2) gerar subsídios para propor mudanças do projeto pedagógico curricular ouvindo os discentes, docentes e funcionários técnico-administrativos e estimulando-os a participarem ativamente do processo.

Considerando estes objetivos, a Faculdade de Enfermagem tem como meta manter um processo sistemático de avaliação guiado por algumas etapas:

1ª etapa – Sensibilização-

Promover diversos seminários, reuniões de grupo, estudos de caso, palestras com especialistas externos, sessões de *brainstorming* que serão realizados com o objetivo de sensibilizar os discentes, docentes e funcionários técnico-administrativos acerca dos desafios de se manter a qualidade no ensino superior, compreender as tendências das políticas nacionais de educação, em particular para a área da Enfermagem.

2ª etapa- Diagnóstico-

Esta etapa é da maior importância por ser ela a que descreve a situação atual do curso a partir do cadastro e das opiniões da comunidade. É feita por meio da coleta de informações e de sua organização. O documento básico do Programa de avaliação Institucional das Universidades Brasileiras – PAIUB (MEC/SESu) servirá de orientação para a escolha das informações a serem coletadas, quais sejam:

a) Acesso

Demanda: Candidatos por vaga, distribuição por sexo e idade; origem geográfica dos candidatos.

Características dos alunos admitidos.

Resultados obtidos no exame de entrada.

Grau de utilização da capacidade de admissão

b) Corpo docente, discente, pessoal de apoio e outros dados

-Número de docentes segundo sexo, idade, qualificação (doutorado, mestrado, especialização), especialidade pó área e sub-área dentro do programa.

-Número de pessoal de apoio (funcionários técnico-administrativos) arranjos por sexo, papel desempenhado na instituição).

-Utilização de recursos docentes e de pessoal de apoio, segundo: a taxa de alunos por docentes; a taxa de alunos por funcionários, e o número de horas de aula por professores (média).

-Desempenho do aluno, observando: a continuidade, taxa de retenção (proporção de alunos “retidos” dentro do sistema, proporção de alunos evadidos); a participação dos alunos nos exames por ano (proporção de alunos que fazem os exames em relação aos que passam nos exames); a taxa de sucesso de alunos graduados.

- Pesquisa e Bolsa de estudos segundo: os números de projetos de pesquisa financiados e não financiados; os recursos externos captados pelos projetos, produtividade dos docentes; e o número de discentes participando dos projetos de pesquisa.

3ª etapa- Auto-Avaliação-

Com base nas variáveis levantadas por meio dos indicadores, discente, docentes e o Coordenador do curso orientará o processo de análise dos aspectos positivos e negativos do curso, mediante a situação existente, contando com a participação docente, discente e pessoal dos campos de prática. Estes terão também a missão de discutir o perfil do discente que o curso pretende formar, comparando com as demandas do mercado de trabalho, para que possa emergir uma análise crítica do currículo. Com base nesse processo poderão ser sugeridas mudanças que aproximem o curso do ideal desejado.

4ª etapa- avaliação externa-

A avaliação externa pode contar com dois processos distintos. O primeiro baseado no sistema oficial de avaliação externa, que conta com a presença em visita a instituição de pares avaliadores do INEP. O relatório destes indicará as potencialidades e fragilidades do curso, auxiliando na tomada de decisões para o ajuste do curso naqueles aspectos que forem necessários.

Poderá compor também a avaliação externa, a análise de especialistas convidados pela própria faculdade para análise e crítica do processo de formação, para discussão com o coordenador e grupo que acompanha o funcionamento da graduação.

5ª etapa- Reavaliação-

Nesta etapa, o Coordenador, os discentes e docentes fazem uma discussão para confrontar os resultados da auto-avaliação com os resultados da avaliação externa e elaboram o relatório final da avaliação.

6ª etapa- Reformulação do Projeto Pedagógico Curricular-

Nesta etapa, deverão ser sugeridas as mudanças a serem implementadas a curto, médio e longo prazo. Deverá, também, resultar deste seminário uma proposta de reformulação e de reajustes do currículo e do curso como um todo, bem como de sugestões para uma proposta de apoio aos docentes na melhoria de suas atividades.

2.11 Política de Qualificação Docente

A qualificação docente da FEN deve contemplar a expectativa e necessidades da universidade, levando-se em consideração, também, as necessidades/tendências regionais e nacionais. Visa favorecer a consolidação das linhas institucionais de pesquisa, dentro da flexibilização e distribuição adequada dos recursos recebidos de variadas fontes e a qualificação dos servidores direcionados aos interesses da instituição, no sentido de que possa firmar-se como um centro de produção e socialização do desenvolvimento da ciência e tecnologia no campo da enfermagem da região centro oeste.

Dessa maneira, frente à política nacional de qualificação e no contexto institucional de desenvolvimento de recursos humanos dedicados à pesquisa e à pós graduação, busca tornar a FEN presente e competitiva junto aos órgãos de fomento. Porém leva em consideração para a seleção e indicação de professores candidatos à pós graduação, as áreas prioritárias para o desenvolvimento dos grupos e núcleos de pesquisa, em programas de excelência frente à avaliação da CAPES.

O afastamento integral é concedido a servidores efetivos e aprovados no estágio probatório, os quais devem dedicar-se em tempo integral ao curso, sendo que a PRPPG avalia o desempenho pela análise dos relatórios semestrais e outros documentos. O afastamento deverá acontecer de acordo com a resolução específica da UFG. Caso não seja necessário o afastamento, devido ao Professor estar matriculado em programa da própria instituição (seja FEN ou UFG), o mesmo deverá ser indicado pela própria área de atuação (professores envolvidos nas disciplinas nas quais está envolvido) que por sua vez garantirão o desenvolvimento das atividades sem prejuízos ao processo ensino aprendizagem.

Anexo I

MATRIZ CURRICULAR

A proposta de duração mínima do curso é de 10 (dez) semestres, com carga horária total de 4359 horas e máxima de 16 (dezesesseis) semestres. Para o aluno que optar também pela Modalidade de Licenciatura a carga horária será de 5215 horas.

Em casos de excepcionalidade, a critério do Conselho Diretor, respeitadas as normas e legislação em vigor, a duração do curso pode ser menor, nunca inferior a quatro anos e meio, desde que o aluno tenha cumprido com aproveitamento todas as atividades previstas no currículo.

De acordo com o regulamento Geral dos Cursos de Graduação da UFG os conteúdos dos cursos deverão ser distribuídos em **Núcleo Comum** (conteúdos comuns para a formação do profissional), **Núcleo Específico** (conteúdos que darão especificidade à formação do profissional) e **Núcleo Livre** (conteúdos que objetivam garantir liberdade ao aluno para ampliar sua formação, sendo composto por disciplinas eletivas por ele escolhidas). O aluno deverá realizar ainda **Atividades Complementares** que são o conjunto de atividades acadêmicas (pesquisas, conferências, seminários, palestras, eventos científicos, cursos, programas de iniciação científica, atividades de extensão universitária e outras atividades científicas artísticas e culturais), sem vínculo empregatício, desenvolvidas à sua escolha durante o tempo disponível para a integralização curricular, que serão validadas pela Coordenação do Curso.

CARGA HORÁRIA - ENFERMEIRO	
NÚCLEO COMUM	1110 horas
NÚCLEO ESPECÍFICO	2946 horas
NÚCLEO LIVRE	203 horas
Sub-total	4259horas
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	Mínimo de 100 horas
TOTAL GERAL MÍNIMO	4359 horas

CARGA HORÁRIA ENFERMEIRO E LICENCIATURA EM ENFERMAGEM	
NÚCLEO COMUM	1110 horas
NÚCLEO ESPECÍFICO	3666 horas
NÚCLEO LIVRE	239 horas
Sub-total	5015 horas
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	Mínimo de 200 horas
TOTAL GERAL MÍNIMO	5215 horas

ANEXO II

COMPONENTES CURRICULARES

Nº	DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS	UNIDADE	NÚCLEO	CARGA HORÁRIA			PRÉ-REQUISITO	CÓ-REQUISITO	Período
				Total	Teoria	Prática			
1.	Saúde Coletiva	FEN	NE	60	45	15			1º
2.	Introdução à Enfermagem	FEN	NE	90	60	30			1º
3.	Atendimento Pré-Hospitalar	FEN	NC	30	20	10			1º
4.	Anatomia Humana I Enf.	ICB	NC	60	20	40			1º
5.	Metodologia Científica	FEN	NC	45	35	10			1º
6.	Biofísica Enf.	ICB	NC	30	30	--			1º
7.	Histologia e Embriologia Geral	ICB	NC	60	30	30			1º
8.	Promoção da Saúde	FEN	NE	60	20	40			2º
9.	Risco Biológico e Biossegurança	FEN	NC	30	30	--			2º
10.	Bioquímica Enf.	ICB	NC	60	40	20			2º
11.	Anatomia Humana II Enf.	ICB	NC	60	20	40		4	2º
12.	Histologia dos Órgãos	ICB	NC	60	30	30		7	2º
13.	Psicologia Aplicada à Enfermagem	FE	NC	45	45	--			2º
14.	Genética Enf.	ICB	NC	45	45	--			2º
15.	Tecnologia da Educação em Saúde	FEN	NE	30	30	--			2º
16.	Epidemiologia e Bioestatística Enf.	FEN	NE	75	60	15		1	3º
17.	Bases para o Cuidar do Indivíduo e da Família I	FEN	NE	120	50	70			3º
18.	Fisiologia	ICB	NC	90	75	15		11, 12	3º
19.	Imunologia	IPTSP	NC	60	30	30		7, 10, 14	3º
20.	Microbiologia Enf.	IPTSP	NC	75	45	30		10	3º
21.	Bases para o Cuidar do Indivíduo e da Família II	FEN	NE	150	70	80		9, 17, 18	4º
22.	Centro de Material e Esterilização	FEN	NE	60	20	40	9	20	4º
23.	Farmacologia Básica Enf.	ICB	NC	45	45	--		10, 18	4º
24.	Saúde Mental	FEN	NE	45	15	30		13	4º
25.	Patologia	IPTSP	NC	75	45	30	11	18, 19	4º
26.	Parasitologia Enf.	IPTSP	NC	60	30	30		18, 19, 20	4º
27.	Fundamentos Filosóficos e Sócio-Históricos da Educação Enf. *	FE	NE*	64	64	--			4º
28.	Enfermagem Clínica	FEN	NE	100	40	60	21	22, 23, 25	5º
29.	Enfermagem em Doenças Infecciosas	FEN	NE	100	40	60	19, 20, 21	16, 23, 25	5º
30.	Vigilância à Saúde	FEN	NE	90	30	60		8, 16	5º
31.	Farmacologia Aplicada	ICB	NC	45	45	--		23	5º
32.	Nutrição	FANUT	NC	45	45	--		10, 18	5º
33.	Psicologia da Educação I Enf.*	FE	NE*	64	64	--		27	5º
34.	Enfermagem Cirúrgica	FEN	NE	120	45	75	22	28, 31	6º
35.	Enfermagem Psiquiátrica	FEN	NE	100	40	60		24, 31	6º
36.	Assistência de Enfermagem a Paciente Crítico	FEN	NE	100	40	60	28	31, 32	6º
37.	Administração I	FEN	NE	40	40	--		15, 24, 30	6º
38.	Sociologia	FCS	NC	45	45	--			6º
39.	Psicologia da Educação II Enf.*	FE	NE*	64	64	--	33		6º
40.	Enfermagem Ginecológica e Obstétrica I	FEN	NE	100	40	60		15, 21, 24, 30, 32	7º

41	Enfermagem Pediátrica e Neonatológica I	FEN	NE	100	40	60	24	14, 15, 21, 30, e 32.	7º
42	Práticas da Enfermagem em Saúde Coletiva	FEN	NE	90	30	60		29, 30,31	7º
43	Ética e Exercício da Enfermagem	FEN	NE	40	40	--	2	24, 28	7º
44	Antropologia da Saúde	FCS	NC	45	45	--			7º
45	Trabalho de Conclusão de Curso I	FEN	NE	15	15	--	5		7º
46	Políticas Educacionais no Brasil Enf. *	FE	NE*	64	64	--			7º
47	Estágio Supervisionado de Licenciatura I*	FEN	NE*	45	--	45	39	46	7º
48	Enfermagem Ginecológica e Obstétrica II	FEN	NE	100	40	60		28, 31, 34	8º
49	Enfermagem Pediátrica e Neonatológica II	FEN	NE	100	40	60	8, 24, 31	34, 44	8º
50	Enfermagem Hebiátrica	FEN	NE	40	25	15	18	8, 15, 24	8º
51	Administração II	FEN	NE	120	60	60		37, 43	8º
52	Gestão e Organização do trabalho Pedagógico *	FE	NE*	64	64	--			8º
53	Estágio Supervisionado de Licenciatura II*	FEN	NE*	75	--	75	47		8º
54	Tecnologia e Coordenação de Grupo no Contexto da Saúde	FEN	NE	30	30	--	24	51	9º
55	Filosofia e Enfermagem	FEN	NE	45	45	--			9º
56	Estágio Supervisionado em Enfermagem I **	FEN	NE	250	--	250	1110h – NC e 1985h - NE***		9/10º
57	Estágio Supervisionado em Enfermagem II **	FEN	NE	250	--	250	1110h – NC e 1985h - NE***		9/10º
58	Estágio Supervisionado de Licenciatura III ^{e**}	FEN	NE*	280	--	280	53		9/10º
59	Estágio Supervisionado em Enfermagem III **	FEN	NE	311	--	311	1110h – NC e 1985h - NE***		10º
60	Trabalho de Conclusão de Curso II	FEN	NE	15	15	--	45		10º

* Disciplinas OPTATIVAS que têm caráter OBRIGATÓRIO para aqueles alunos que optarem cursar as Modalidades Específico da Profissão e Licenciatura em Enfermagem.

** Disciplinas Anuais.

*** Modalidades Específico da profissão e Licenciatura = 1110h – NC e 2425h – NE.

LEGENDA:

ICB - Instituto de Ciências Biológicas	FE - Faculdade de Educação
IPTSP – Instituto de Patologia Tropical	FCS - Faculdade de Ciências Sociais
FANUT - Faculdade de Nutrição	FEN - Faculdade de Enfermagem
NE - Núcleo Específico	NC - Núcleo Comum

ANEXO III

SUGESTÃO DE FLUXO CURRICULAR

1º período	3º período	5º período	7º período	9º período
Saúde Coletiva	Epidemiologia e Bioestatística Enf	Enfermagem Clínica	Enfermagem Ginecológica e Obstétrica I	Estágio Supervisionado em Enfermagem I**
Introdução à Enfermagem	Bases para o Cuidar do Indivíduo e da Família I	Enfermagem em Doenças Infecciosas	Enfermagem Pediátrica e Neonatológica I	Estágio Supervisionado em Enfermagem II**
Atendimento Pré-Hospitalar	Fisiologia	Vigilância à Saúde	Práticas da Enfermagem em Saúde Coletiva	Tecnologia e Coordenação de Grupo no Contexto da Saúde
Anatomia Humana I Enf	Imunologia	Farmacologia Aplicada	Ética e Exercício da Enfermagem	Filosofia e Enfermagem
Metodologia Científica	Microbiologia Enf	Nutrição	Antropologia da Saúde	<i>Estágio de Licenciatura III*</i>
Biofísica Enf			Trabalho de Conclusão de Curso I	
Histologia e Embriologia Geral			<i>Políticas Educacionais no Brasil Enf *</i>	
		<i>Psicologia da Educação I Enf *</i>	<i>Estágio de Licenciatura I*</i>	
Total => 375h	Total => 420h	Total => 380h (*444h)	Total =>390h (*499 h)	
2º período	4º período	6º período	8º período	10º período
Promoção da Saúde	Bases para o Cuidar do Indivíduo e da Família II	Enfermagem Cirúrgica	Enfermagem Ginecológica e Obstétrica II	Estágio Supervisionado em Enfermagem III**
Risco Biológico e Biossegurança	Centro de Material e Esterilização	Enfermagem Psiquiátrica	Enfermagem Pediátrica Neonatológica II	Trabalho de Conclusão de Curso II
Bioquímica Enf	Farmacologia Básica Enf	Assistência de Enfermagem a Paciente Crítico	Enfermagem Hebiátrica	
Anatomia Humana II Enf	Saúde Mental	Administração I	Administração II	
Histologia dos Órgãos	Patologia	Sociologia		
Psicologia Aplicada à Enfermagem	Parasitologia Enf			
Genética Enf			<i>Estágio de Licenciatura II*</i>	
Tecnologia da Educação em Saúde	<i>Fundamentos Filosóficos e Sócio-Históricos da Educação Enf *</i>	<i>Psicologia da Educação II Enf *</i>	<i>Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico</i>	
Total => 390h	Total => 435h (499)	Total=> 405h (*469 h)	Total => 360 (*499h)	Total Anual => 901h (*1181h)

*Disciplinas obrigatórias para modalidade Licenciatura.

**Disciplinas anuais

OBS.: Para integralizar as disciplinas de Núcleo Livre, sugere-se que seja cursada no mínimo (01) disciplina de 30 horas / período.

ANEXO IV

Ementário Das Disciplinas

1. SAÚDE COLETIVA

História da enfermagem de saúde pública no Brasil. Tendências e modelos em saúde coletiva. Saúde no Brasil e região centro-oeste. SUS: princípios, estrutura, organização, mobilização social. Políticas de saúde. Estrutura e funcionamento das instituições e suas relações com os serviços de saúde. Níveis progressivos de assistência à saúde.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Investimentos em Saúde. Departamento de Gerenciamento de Investimentos. Guia do conselheiro: curso de capacitação de conselheiros estaduais e municipais de saúde. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão de Investimentos em Saúde, Departamento de Gerenciamento de Investimentos. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

VANZIN, A. S; NERY, M.E.S. *Enfermagem em Saúde Pública: Fundamentação para o exercício do enfermeiro na comunidade*. Porto alegre: Sagra-DC Luzzato, 1994.

MENDES, E.V. et al. *Distrito Sanitário: O Processo social de mudança das práticas sanitárias do Sistema Único de Saúde*. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SOUSA, Maria de Fátima. *A coragem do PSF*. São Paulo: HUCITEC, 2001.

RIZZOTTO, M. L. F. *História da Enfermagem e sua relação com a Saúde Pública*. Goiânia: AB, 1999.

TEIXEIRA, S. F. organizadora. *Reforma Sanitária: em busca de uma teoria*. São Paulo: Cortez: Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 1989.

COHN, A.; ELIAS, P. E. *O Público e o Privado na Saúde: o PAS em São Paulo*. São Paulo: Cortez: CEDEC, 1999.

WRIGHT, L.M.; LEAHEY, M.. *Enfermeiras e Famílias: um guia para avaliação e intervenção na família*. Tradução de Silvia M. Spada. 3ª ed. São Paulo: Roca, 2002.

ROUQUAYROL, M. Z.; ALMEIDA FILHO, N de. *Epidemiologia e Saúde*. 6ª ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 2003.

SILVA, J. A; DALMASO, A. S. W.. *Agente Comunitário de Saúde: o ser, o saber, o fazer*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

STARFIELD, B. *Atenção Primária: equilíbrio entre necessidades de saúde, serviços e tecnologia*. 2ª ed. Brasília: UNESCO Brasil, Ministério da Saúde, 2004. (726 p.)

PEREIRA, M. G. *Epidemiologia: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995.

2. INTRODUÇÃO À ENFERMAGEM

Integração do aluno à universidade. Surgimento e institucionalização da enfermagem. Compreensão histórica do cuidar em Enfermagem Instrumentos básicos de enfermagem. Concepções do homem, saúde, meio ambiente e enfermagem como norteadores da práxis profissional. Enfermagem como prática social e os diversos papéis do enfermeiro (ensino, pesquisa, assistência, gerenciamento). Introdução à ética e legislação no trabalho da enfermagem e na saúde. Cidadania e direitos humanos. Associações de classe e órgãos de fiscalização do exercício profissional. Introdução à avaliação do estado de saúde da pessoa na fase adulta.

BIBLIOGRAFIA

ATKINSON, L. D.; MURRAY, M. E. *Fundamentos de Enfermagem*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1985.

CIANCIARULLO, T. I. *Instrumentos Básicos para o Cuidar. Um desafio para a qualidade da assistência*. São Paulo: Atheneu, 1996.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM, *Código de ética dos profissionais de enfermagem*. Resolução COFEN- 160, 1993.

DALLARI, D. de A. *O que são direitos da pessoa*. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1984.

GELAIN, I.. *Deontologia e Enfermagem*. 3ª ed. (Revisada) São Paulo: EPU. 2006.

GEOVANINI, T.et. al. *História da enfermagem- Versões e interpretações*. 2ª ed., Rio de Janeiro: REVINTER, 2002.

GERMANO, R. M. *A ética e o ensino da ética na enfermagem do Brasil*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 1985.

MUSSI, N. M. et al. *Técnicas Fundamentais de Enfermagem*. 2ª ed. São Paulo: Atheneu. 2007.

LIMA, M. J. *O que é enfermagem*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MANZINI, C. M. de L. *O que é cidadania*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PAIXÃO, W. *História da enfermagem*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Julho C. Reis livraria, 1979.

POTTER, P. A.; PERRY, A. G. *Fundamentos de Enfermagem*. 6ª ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

SWEARINGEN, P. L.; HOWARD, C. A. *Atlas fotográfico de Procedimentos de Enfermagem*. 3ª ed., Porto Alegre: Artmed, 2001.

TIMBY, B. K. *Conceitos e Habilidades Fundamentais no Atendimento de Enfermagem*. 6ª ed., Porto Alegre: Artmed, 2001

3. ATENDIMENTO PRÉ - HOSPITALAR

Perfil e funções do socorrista. Medidas de proteção para o socorrista e para a vítima. Suporte básico de vida em emergências. Atendimento pré-hospitalar a vítimas de traumas, afogamento, catástrofes, em acidentes por animais peçonhentos e queimaduras.

BIBLIOGRAFIA

AMERICAN HEART ASSOCIATION. Aspectos mais relevantes das diretrizes 2005 da American Heart Association sobre ressuscitação cardiopulmonar e atendimento cardiovascular de emergência. *Currents*. 2005. v. 16, n. 4, inverno 2005 - 2006: 1 - 28. Disponível em: <http://www.bombeirosemergencia.com.br/Arquivos%20PPS/diretrizrcp.pdf>, Acesso em 03 mar 2008.

AMERICAN HEART ASSOCIATION. Guidelines 2005 for cardiopulmonary resuscitation and emergency cardiovascular care. *Circulation* 2005. v. 112, Issue 24 Supplement; December 13. Disponível em http://circ.ahajournals.org/content/vol112/24_suppl/ Acesso em 03 mar 2008.

AMERICAN HEART ASSOCIATION. Diretrizes 2000 para ressuscitação cardiopulmonar e assistência cardiovascular de emergência. *Currents*. v. 1, n. especial, p. 3 - 30. Edição especial. s/d.

AMERICAN HEART ASSOCIATION. International guidelines 2000 for CPR and ECC. *Circulation* 2000; v.102:I-1 - I-59 Disponível em <http://circ.ahajournals.org/cgi/search?journalcode=circulationaha&fulltext=2000+guidelines> Acesso em 03 mar 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria Nº 2048/GM de 5 de novembro de 2002. Regulamenta o atendimento das urgências e emergências. Disponível em http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=23606 Acesso em 03 mar 2008.

BERGERON, J. D.; BIZJAK, G. *Primeiros socorros*. São Paulo: Atheneu, 1999.

CALIL, A.M.; PARANHOS, W.Y. *O enfermeiro e as situações de emergência*. São Paulo: Atheneu. 2007. 795p.

CARVALHO, M.G. *Atendimento pré-hospitalar para enfermagem: suporte básico e avançado de vida*. São Paulo: Iátria, 2004.

COIMBRA, R. S. M. et al. *Emergências traumáticas e não traumáticas: manual do residente e do estudante*. São Paulo: Atheneu, 1998.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução COFEN nº. 311/2007. Aprova a reformulação do código de ética dos profissionais de enfermagem. Disponível em <http://www.portalcofen.gov.br/2007/materias.asp?ArticleID=7221§ionID=34> Acesso em 03 mar 2008.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução COFEN Nº 300/2005 Dispõe sobre a atuação do profissional de enfermagem no atendimento pré- hospitalar e inter-hospitalar. Disponível em <http://www.portalcofen.gov.br/2007/materias.asp?ArticleID=7128§ionID=34> Acesso em 03 mar 2008.

COMITÊ DO PHTLS DA NATIONAL ASSOCIATION OF EMERGENCY MEDICAL TECHNICIANS (NAEMT). *Atendimento pré-hospitalar ao traumatizado: básico e avançado*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

HAFEN, B. Q.; KARREN, K. J. FRANDSEN, K. J. *Guia de primeiros socorros para estudantes*. 7.ed. Barueri-SP: Manole, 2002.

OLIVEIRA, B. F. M.; PAROLIN, M.K.F.; TEIXEIRA Jr, E. V. *Trauma: atendimento pré-hospitalar*. 2.ed. São Paulo: Atheneu, 2007. 536p.

SANTOS, N. C. M. *Urgência e emergência para enfermagem: do atendimento pré-hospitalar (APH) à sala de emergência*. 4.ed. rev. e ampl. São Paulo: Iátria, 2007.

SANTOS, R. R.; CANETTI, M. D.; RIBEIRO JUNIOR, C.; ALVAREZ, F. S. *Manual de socorro de emergência*. São Paulo: Atheneu, 1999.

SENAC. DN. *Primeiros socorros*. Rio de Janeiro: SENAC/DN/DFP, 1997.

4. ANATOMIA HUMANA I ENF

Conceito e divisão da anatomia. Planos e eixos do corpo humano. Sistema esquelético, juntas, postura e locomoção. Sistemas muscular, tegumentar, respiratório e digestivo.

BIBLIOGRAFIA

MORE, K. *Anatomia Aplicada a Clínica*. Editora Panaméricana, São Paulo- 1999.

GRAY'S *Anatomia*. Editor C.M Goss, 29 ed., Guanabara koogan, Rio de Janeiro, 1978.

DANGELO J. G.& FATTINI, C.A. *Anatomia; Sistêmica e Segmentar*. São Paulo: Editora Atheneu, -1989.

MACHADO, A.B. M. *Neuroanatomia Funcional*. São Paulo: Editora Atheneu - 1993.

SOBOTTA, J. & BECHER, H. – *Atlas de Anatomia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, , 1993.

SALTEHOLTZ, W.; SPANNER, R. *Atlas de Anatomia Humana*. São Paulo: Editora Roca, 1998.

CARNEIRO, M.A. *Atlas de Neuroanatomia*. Editora UFG, Goiânia - 1997.

SNELL, Richard S. *ANATOMIA CLÍNICA para Estudante de Medicina*. Rio de Janeiro : Editora Guanabara Koogan. 1999.

5. METODOLOGIA CIENTÍFICA

Conhecimento e ciência. Enfermagem como ciência. A construção do conhecimento científico. Elaboração e desenvolvimento de um projeto de pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, A. J.; LEHFELD, N. S. *Fundamentos de metodologia*. São Pulo, McGraw-Hill, 1986.

CARVALHO, M. C. M. *Construindo o saber: metodologia científica - fundamentos e técnicas*. 5ª ed. Campinas (SP), Papirus, 1995.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo, Cortez, 1991.

DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo, Atlas, 1985.

FAZENDA, I. et al. *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo, Cortez, 1991.

HAGUETTE, M. T. V. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis, Vozes, 1992.

HEAT, O. V. S. *A Estatística na pesquisa científica*. São Paulo, EPU, 1981.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo, Atlas, 1985.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU, 1986.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo, Editora Moraes/EDUC, 1989.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/ Rio de Janeiro, HUCITEC/ABRASCO, 1983.

MINAYO, M. C. S. et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, Vozes, 1994.

POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. *Fundamentos de pesquisa em Enfermagem*. Tradução de Regina M. Garcez. 3 ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

REY, L. *Planejar e redigir trabalhos científicos*. São Paulo, Editora Edgard Blücher Ltda., 1987.

RUDIO, F. V. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Petrópolis, Vozes, 1994.

SALVADOR, A. D. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. Porto Alegre, Editora Sulina, 10ª ed., 1982.

SEVERINO, J. A. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo, Cortez, 1996.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo, Atlas, 1987.

6. BIOFÍSICA ENF

Biofísica das radiações ionizantes (física dos radionuclídeos, radiobiologia, física dos raios X e técnicas radiográficas), água, soluções e métodos biofísicos de análise, bioeletricidade (membrana biológica, biofísica das membranas, canalopatias).

BIBLIOGRAFIA

HENEINE, I. F. *Biofísica Básica*, Ed. Atheneu, 2ª Edição, 1996.

OKUNO, E. ; CALDAS, I; CHOW C., *Física para Ciências Biológicas e Biomédicas*, Ed. Harbra, , 2ª Edição, 1986.

LEHNINGER, N. C. *Princípios de Bioquímica*, Ed. Worth, , 2ª Edição, 1992

GARCIA ., E. A. C. *Biofísica. Volume único*, Ed. Sarvier, 1998

7. HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA GERAL

Introdução ao estudo da histologia. Citologia. Sangue. Tecido conjuntivo propriamente dito. Tecido epitelial. Tecido cartilaginoso. Tecido ósseo. Tecido muscular. Tecido nervoso. Desenvolvimento da primeira à oitava semana e da nona semana ao nascimento. Placenta e anexos embrionários.

BIBLIOGRAFIA

BERMAN, I. *Atlas de histologia básica. 2a ed.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

CORMACK, D. H. *Fundamentos de histologia. 2 ed.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

GARTNER, L. P.; HIATT, J. L. *Atlas de histologia. 3 ed.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

GARTNER, L. P.; HIATT, J. L. *Tratado de Histologia. 3 ed.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

GENESER, F. *Atlas de Histologia. São Paulo: Panamericana, 1987*

GENESER, F. *Histologia com bases moleculares. 3 ed.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

HAM, A. ; CORMACK, D.H. *Histologia. 9 ed.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

HIB, J. Di Fiori. *Histologia: texto e atlas.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

JUNQUEIRA, L.C.; CARNEIRO, J. *Histologia básica. 11 ed.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

KÜHNEL, W. *Atlas de citologia, histologia. 11 ed.* Porto Alegre: Artmed, 2005.

MOORE, K. L.; PERSAUD, T. V. N. *Embriologia básica. 6 ed.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

MOORE, K. L; PERSAUD, T. V.N. *Embriologia clínica. 7 ed.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

SHU-XIN ZANG. *Atlas de histologia. 1ª ed.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

WELSH, U. Sobotta *Atlas de Histologia*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

8. PROMOÇÃO DA SAÚDE

Histórico do movimento de promoção da saúde. Conferências nacionais e internacionais sobre promoção da saúde. Conceitos atuais e emergentes em promoção da saúde. Políticas públicas de promoção da saúde no Brasil. Estratégias de intervenção em promoção da saúde. Educação em saúde. Pressupostos teóricos norteadores das políticas e práticas de promoção da saúde.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Política Nacional de Promoção da saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/portaria687_2006_anexo1.pdf.

_____. Política Nacional de Promoção da Saúde. Apresentação da Política Nacional de Promoção da Saúde. Fonte: Ministério da Saúde. Brasília: MS, 2006. http://chagas.redefiocruz.fiocruz.br/~ensp/biblioteca/dados/PNPS_publ%2014_06.pdf.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é método Paulo Freire. São Paulo, Brasiliense, 1981 (14 ed, 1988), 113 p. - (Coleção Primeiros Passos).

BUSS, P. M. *Uma introdução ao conceito de Promoção da Saúde*. In: In D. Czeresnia, C.M. Freitas (orgs), *Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Editora Fiocrz. 2003, p. 15-38.

CZERESNIA, D. O.; FREITAS, C.M. *Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2003.

FREIRE, P. *Educação e participação comunitária*. In *Política e Educação*, 3ª Ed., pp. 65-78. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 20. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

MIZUKAMI, M G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.

9. RISCO BIOLÓGICO E BIOSSEGURANÇA

Risco biológico e medidas de precauções básicas para a segurança individual e coletiva no serviço de assistência à saúde.

BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE ESTUDOS E CONTROLE DE INFECÇÃO HOSPITALAR – APECIH. *Orientações para o controle de infecção em pessoal da área de saúde*. São Paulo, 1998.

_____. *Esterilização de artigos em unidades de saúde*. 2ª Ed., São Paulo - SP, 2003.

_____. *Limpeza, desinfecção de artigos e áreas hospitalares e anti-sepsia*. 2 ed , São Paulo, 2004.

BRASIL, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 306 de 07 de dezembro de 2004, que dispõe sobre o Regulamento Técnico para o gerenciamento de serviços de saúde. Diário Oficial da União de 05 de mar. de 2003, Brasília. 2003. 35p.

_____. Recomendações para atendimento e acompanhamento de exposição ocupacional a material biológico: HIV e hepatites B e C. Disponível em http://www.aids.gov.br/final/biblioteca/manual_exposição/manualacidentes.doc. Acessado em 16/08/05.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Equipamentos de Proteção Individual – EPI. Norma Reguladora nº 6 (NR-6). Disponível em <<http://www.mtb.gov.br>>. Acesso em 7 fev. 2009.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. Portaria nº 485, de 11 de novembro de 2005. Aprova a Norma Regulamentadora nº 32. Segurança e saúde no trabalho em estabelecimentos de saúde. Brasília (Brasil): Ministério do Trabalho e Emprego; 2005.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. Updated US Public Health Service Guidelines for the management of occupational exposures to HBV, HCV, and HIV and recommendations for postexposures prophylaxis. *MMWR Morb Mortal Wkly Rep* 2001;50: 1-42.>

GOIÁS, Secretaria de Estado da Saúde, Coordenação Estadual de Controle de Infecção Hospitalar. Programa de Prevenção e Assistência ao Acidente Profissional com Material Biológico, Goiânia, Jan., 2003.

_____. Secretaria Municipal de saúde de Goiânia, Departamento de Epidemiologia, centro de Referência em Saúde do Trabalhador – CEREST. Orientações nas exposições ocupacionais a material biológico. Goiânia, 2007, 44p.

MATTOS, U. A. O.; QUEIROZ, A. R. de. *Mapa de Risco*. In: TEIXEIRA, P. & VALLE, S. (Orgs.). *Biossegurança: Uma abordagem multidisciplinar*. Rio de Janeiro – RJ: Fiocruz, 1996. Cap. 06.

PALOS-PRADO M.A. *Staphylococcus aureus e Staphylococcus aureus metilina resistentes (MRSA) em profissionais de saúde e as interfaces com as infecções nosocomiais*. Ribeirão Preto, Tese (Doutorado) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2006. 188p.

SEMELWEIS, I. Etiologia, *concepto y profilaxis de la fiebre puerperal*. In. OPAS. *El desafio da epidemiologia: problemas e leituras selecionadas*. Washington: OPAS, 1988. (Publicação científica, 505)

10. BIOQUÍMICA ENF

Aminoácidos, peptídeos, proteínas, enzimas, vitaminas, coenzimas, carboidratos, lipídeos, membranas, ácidos nucleicos. Metabolismo de carboidratos, lipídeos e aminoácidos. Integração do metabolismo.

BIBLIOGRAFIA

BERG, J.M; TYMOCZKO, J.L. ; STRYER L, *Bioquímica*. Guanabara Koogan, 2006.

VOET, D. J.G. VOET & C. W. P.. A. *Fundamentos de Bioquímica*. 2000.

MURRAY, R.K et al. *Bioquímica do Harper*. Atheneu Editora São Paulo Ltda, 2000.

LEHNINGER AL, N. D. L. & COX, M.M. *Principios de Bioquímica* 2006.

11. ANATOMIA HUMANA II ENF

Sistemas nervoso, sensorial, circulatório, urinário, endócrino e reprodutor masculino e feminino.

BIBLIOGRAFIA

MORE, K. *Anatomia Aplicada a Clínica*. Editora Panamericana, São Paulo- 1999. GRAY'S Anatomia. Editor C.M Goss, 29 edições, Guanabara koogan, Rio de Janeiro, 1978.

DANGELO J. G.& FATTINI, C.A. *Anatomia; Sistêmica e Segmentar*. Editora Atheneu, São Paulo-1989.

MACHADO, A.B. M. *Neuroanatomia Funcional*. Editora Atheneu, São Paulo - 1993.

SOBOTTA, J. & BECHER, H. *Atlas de Anatomia Humana*. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1993.

SALTEHOLTZ, W. & SPANNER, R. *Atlas de Anatomia Humana*. Editora Roca, São Paulo, 1998.

12. HISTOLOGIA DOS ÓRGÃOS

Sistemas linfático e circulatório. Tubo digestivo. Glândulas anexas do tubo digestivo. Sistema respiratório. Pele e anexos. Sistema urinário. Glândulas endócrinas. Sistema reprodutor masculino e feminino.

BIBLIOGRAFIA

BERMAN, I. *Atlas de histologia básica*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

CORMACK, D. H. Fundamentos de histologia. 2a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

GARTNER, L. P.; HIATT, J. L. *Atlas de histologia*. 3a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

GARTNER, L. P.; HIATT, J. L. *Tratado de Histologia*. 3a ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

GENESER, F. *Histologia com bases moleculares*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

HAM, A. ; CORMACK, D.H. *Histologia*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

HIB, J. Di Fiori *Histologia: texto e atlas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

JUNQUEIRA, L.C.; CARNEIRO, J. *Histologia básica*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

KÜHNEL, W. *Atlas de citologia, histologia*. 11ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

13. PSICOLOGIA APLICADA À ENFERMAGEM

Introdução ao estudo da psicologia. O social e o biológico na determinação da condição humana. O desenvolvimento humano na perspectiva das teorias psicológicas. Características psicológicas das diferentes fases da vida humana, em seus diversos aspectos: emocional, social, cognitivo, sexual e psicológico. Relações interpessoais: enfermeiro, paciente e família.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR., E. S. (1992). *Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino e aprendizagem*. São Paulo: Cortez.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. . *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. 2 ed.São Paulo: Saraiva, 2000.

BOCK, Ana M. *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. São Paulo: Saraiva, 1991.

BOFF, Leonardo. *Tempo de transcendência: o ser humano como projeto infinito*. Editora Sextante, Rio de Janeiro, 2000, p. 60.

CIAMPA, A.C. Identidade. In: *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

DAVIS, C; OLIVEIRA, Z. de M. R.(1994). *Psicologia na Educação*. 2. ed. rev. (coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor). São Paulo: Cortez.

DELORS, J. *Educação um tesouro a descobrir*. Brasília: UNESCO, 2000.

FILHO, Júlio Mello e col. *Psicossomática hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

FREIRE, Paulo. *A pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Editora UNESP, São Paulo, 2001.

14. GENÉTICA ENF

Bases citológicas e cromossômicas da hereditariedade. Padrões de herança. Estudo do cariótipo humano e principais cromossomopatias. Genética molecular: estrutura do material genético, replicação, transcrição e regulação, mutação/mutagênese, técnicas

moleculares aplicadas às doenças humanas. Genética bioquímica: erros inatos do metabolismo, hemoglobinopatias. Genética do desenvolvimento. Noções de genética de populações.

BIBLIOGRAFIA

BRUCE, A.. *Biologia Molecular da Célula*. Artes Médicas. 4ª ed. Porto Alegre, RS. 1463p. 2004.

GRIFFITHS, A.J.F. ; MILLER, J.H. ; SUZUKI, J.H. ; LEWONTIN, R.C. *Genética Moderna*. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, RJ. 589p. 2001.

GARDNER, E. J; SNUSTAD, D.P. *Genética. Interamericana*. Rio de Janeiro, RJ. 497p. 1986.

15. TECNOLOGIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Planejamento de ensino e suas etapas. Uso de tecnologias da educação em saúde.

BIBLIOGRAFIA

BORDENAVE, J. D et al. *Estratégias de Ensino aprendizagem*. 14 ed. Petrópolis. RJ. Ed. Vozes. 1994

FERREIRA, O. M C.. *Recursos Audiovisuais no processo ensino aprendizagem*. São Paulo. EPU. 1996.

HAIDT, R. C. C. *Curso de Didática Geral*; 2 ed. São Paulo. Editora Scipione. 1993.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo, Cortez, 1991.

PENTEADO, W. M. A. *Psicologia e ensino*. São Paulo: Papelivros,1980.

16. EPIDEMIOLOGIA E BIOESTATÍSTICA ENF

Conceitos da epidemiologia e sua aplicação. Processo saúde-doença. Transição epidemiológica e demográfica. Medidas utilizadas em epidemiologia: de efeito e de associação. Método epidemiológico e Níveis de evidência. Epidemiologia das doenças transmissíveis e não transmissíveis. Indicadores de saúde. Testes diagnósticos. Fontes de dados epidemiológicos e Sistemas Nacionais de Informação para a Saúde. Fundamentos para a leitura crítica da literatura epidemiológica. Análise exploratória dos dados: tipos de variáveis; medidas de tendência central e de dispersão; apresentação tabular e gráfica dos dados; tabelas de contingência. Distribuição discreta e contínua. Eventos vitais. População: censo demográfico, pirâmides populacionais e estimativas.

BIBLIOGRAFIA

BEIGUELMAN B. *Curso prático de bioestatística*. 5ª ed. Ribeirão Preto: Fundação de pesquisas científicas de Ribeirão Preto, 2002.

CENTENO A.J. *Curso de estatística aplicada à biologia*. 2ª ed. Goiânia: UFG, 1999.

FLETCHER R.H.; FLETCHER S.W.; WAGNER E.H. *Epidemiologia clínica: elementos essenciais*, 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HULLEY S.B.; CUMMINGS S.R.; BROWNER W.S.; GRADY D.; NEWMAN T.B. *Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica*, 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MEDRONHO R.A.; CARVALHO D.M.D.; BLOCH K.V.; LUIZ R.R.; WERNECK G.L. *Epidemiologia*. São Paulo: Atheneu, 2003.

17. BASES PARA O CUIDAR DO INDIVÍDUO E DA FAMÍLIA I

Teorias de Enfermagem. Processo de Enfermagem: entrevista para coleta de dados de indivíduos e famílias, semiologia e semiotécnica (adulto e idoso), raciocínio clínico, processo diagnóstico. Taxonomias para Classificação da Prática de Enfermagem. Taxonomias de Diagnósticos de Enfermagem.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, M.C. de P.; ROCHA, J.S.Y. *O saber de enfermagem e sua dimensão Prática*. São Paulo: Cortez, 1989.

BATES, B. *Propedêutica Médica*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara. 1990.

FISCHBACH F. *Manual de Enfermagem*. Exames Laboratoriais e Diagnósticos. Trad. Cláudia Lúcia Caetano de Araújo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

GEORGE, J.B. et al. Teorias de Enfermagem. *Os Fundamentos para a prática profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

HORTA, W. *Processo de enfermagem*. São Paulo: EPU, 1979.

MOSCOVICI, F. *Desenvolvimento interpessoal*. Treinamento em grupo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

NAKATANI, A.Y.K. *Processo de Enfermagem: uma proposta de ensino através da pedagogia da problematização*. Ribeirão Preto, 2000. 230p. Tese (Doutorado) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

NORTH AMERICAN NURSING DIAGNOSIS ASSOCIATION (org). *Diagnóstico de enfermagem da NANDA: definições e classificação – 2007-2008*. Trad. Jeanne Liliane Marlene Michel. Porto alegre: Artes Médicas Sul, 2008.

PORTO, C.C. Exame clínico. *Bases para a prática médica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

TILKIAN, A. G.; CONOVER, M. B. *Entendendo os sons e sopros cardíacos*. Com introdução aos sons pulmonares. São Paulo: Roca 1991. 1 fita cassete.

WALDOW, V.R. *Cuidado Humano: o resgate necessário*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

WRIGHT, L. M., LEAHEY, M. *Enfermeiras e famílias: um guia para avaliação e intervenção na família*; [tradução de Silvia M. Spada]; 3. ed., São Paulo: Roca, 2002.

IYER, P.W.; TAPTICH, B.J.; BERNOCCHI-LOSEY, D. *Processo e diagnóstico de enfermagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

18. FISIOLOGIA

Fisiologia celular e líquidos orgânicos. Estudo dos sistemas nervoso, músculo-esquelético, cardiocirculatório, respiratório, gastrintestinal, urinário, endócrino e reprodutor. Sentidos especiais.

BIBLIOGRAFIA

CONSTANZO, Ed. Elsevier. *Fisiologia*, 3^a ed. 2007.

Berne e Levy. *Fisiologia*. 4^a ed. Guanabara, 2000.

GUYTON, A. C. *Tratado de Fisiologia Médica*. Ed. Guanabara, 11^a edição, 2006.

GUYTON, A. r C. *Fisiologia Humana e Mecanismos das Doenças*. 6 ed. Guanabara, 1998.

AIRES, M. de M. *Fisiologia*. 2^a ed. Guanabara, 1999.

19. IMUNOLOGIA

Sistema imune: funções, células e tecidos. Imunoglobulinas. Complexo principal de histocompatibilidade. Receptor de célula T. Sistema complemento. Reações antígeno-anticorpo. Hipersensibilidade. Regulação da resposta imune. Imunohematologia. Imunologia das parasitoses. Doenças auto-imunes. Imunoprofilaxia. Testes intradérmicos. Coleta, conservação e transporte de materiais de exames.

BIBLIOGRAFIA

ABBAS & LICHTMAN. *Imunologia celular e molecular*, 5^a Edição, Ed. Revinter, 2005.

20. MICROBIOLOGIA ENF

Estudo da morfologia, citologia e fisiologia dos microrganismos. Relação entre microrganismos e infecções humanas. Microbiota humana e nosocomial. Coleta, conservação e transporte de materiais.

BIBLIOGRAFIA

JAWETZ, MELNICK & ADELBERG (Brooks, G; Butel, J.S.; Morse, S.A). *Microbiologia Médica*. 22^a edição. McGraw-Hill Interamericana do Brasil, 2005.

KONEMAN, E. W. et al. *Diagnóstico Microbiológico: Texto e Atlas Colorido* - 5^a edição, Editora Medsi, 2001.

MURRAY, P. R.; Pfaller, M. A.; Rosenthal, K. S. *Microbiologia Médica*. 5^a edição, Editora Elsevier Editora, 2006.

TAVARES, W. - *Manual de Antibióticos e Quimioterápicos Antiinfeciosos*. 3^a edição, Editora Atheneu, 2002.

TORTORA, G.J.; FUNKE, B.R.; CASE, C.L. *Microbiologia*. 7ª edição, Editora Artmed, 2006.

TRABULSI, L.R.; ALTHERTUM, F. *Microbiologia*. 4ª edição, Editora Atheneu, 2005.

21. BASES PARA O CUIDAR DO INDIVÍDUO E DA FAMÍLIA II

Processo de enfermagem: planejamento, implementação e avaliação da assistência de enfermagem ao indivíduo adulto, idoso e família com alterações de saúde de baixa e média complexidade. Classificação de Intervenções e de Resultados de Enfermagem.

BIBLIOGRAFIA

ATIKINSON, L.D.; MURRAY, M.E. *Fundamentos de Enfermagem. Introdução ao Processo de Enfermagem*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara. 1989.

BATES, B. *Propedêutica Médica*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara. 1990.

BLACK, J.M.; MATASSARIN-JACOBS, E. Luckmann & Sorensen: *Enfermagem Médico-Cirúrgica - Uma Abordagem Psicofisiológica*. 4ª ed. Cap. 08. V. 1. Rio de Janeiro. Guanabara - Koogan. 1996.

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE DA FAMÍLIA, modalidade semi-presencial, nº 2, 2006, Universidade Federal de Goiás. Apostila. Goiânia: editora UFG, 2006.

DEALEY, C. *Cuidando de Feridas: um guia para as enfermeiras*. Um guia para as enfermeiras. 2ª ed. São Paulo: Atheneu, 2001.

DOENGES, M. E. ; MOORHOUSE, M.F.; GEISLER, A. C. *Planos de cuidado de Enfermagem. Orientações para o cuidado individualizado do paciente*. Trad. Isabel Critina Fonseca da Cruz, Ivone Evangelista Cabral e Márcia Tereza Luz Lisboa. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

GEORGE, J.B. et al. *Teorias de Enfermagem. Os Fundamentos para a prática profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

JOHNSON, M.; MAAS, M.; MOORHEAD, S. (Org.). *Classificação dos Resultados de Enfermagem (NOC)*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KISNER, C.; COLBEY, L. A . *Exercícios terapêuticos: fundamentos e técnicas*. 2 ed. São Paulo: Manole, 1992.

MCCLOSKEY, J.C., BULECHECK, G.M.. (Org.). *Classificação das Intervenções de Enfermagem (NIC)*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MIRANDA, C. F. ; MIRANDA, M.L. *Construindo a relação de ajuda. Belo Horizonte: Crescer*. 1996.

MIZUKAMI, M. G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.

MUNARI, D.B.; RODRIGUES, A.R.F. *Enfermagem e grupos*. 2ed. Goiânia: AB, 2003.

NAKATANI, A.Y.K. *Processo de Enfermagem: uma proposta de ensino através da pedagogia da problematização*. Ribeirão Preto, 2000. 230p. Tese (Doutorado) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

NORTH AMERICAN NURSING DIAGNOSIS ASSOCIATION (org). *Diagnóstico de enfermagem da NANDA: definições e classificação – 2005-2006*. Trad. Jeanne Liliane Marlene Michel. Porto alegre: Artes Médicas Sul, 2006.

PORTO, C.C. *Exame clínico*. Bases para a prática médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004

WRIGHT, L. M.; LEAHEY, M. *Enfermeiras e famílias. Um guia para avaliação e intervenção na família*. São Paulo: Roca, 2002.

22. CENTRO DE MATERIAL E ESTERILIZAÇÃO

Tipos de Centros de Material e Esterilização - CME, estrutura física, recursos materiais e fluxograma de funcionamento. Recursos humanos, funções do enfermeiro de CME. Métodos de desinfecção e esterilização de artigos odonto-médico-hospitalares, etapas operacionais e seus controles de qualidade, recursos materiais e técnicas relacionadas a cada etapa. Controles físicos, químicos e biológicos dos processos de esterilização. Riscos laborais em CME, Equipamentos de Proteção Individual e Coletiva.

BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE ESTUDOS E CONTROLE DE INFECÇÃO HOSPITALAR – APECIH. *Esterilização de Artigos em Unidades de Saúde*. São Paulo, 2003.

_____. *Limpeza, desinfecção de artigos e áreas hospitalares e anti-sepsia*. 2 ed , São Paulo, 2004.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Manual de Controle de Infecção Hospitalar*. Brasília, 1985.

_____. *Processamento de artigos e superfícies em estabelecimentos de saúde*. 2º ed. Brasília, 1994.

_____. Portaria n.º 2616 de 12 de maio de 1998. *Dispõe a respeito do controle da infecção hospitalar*. Brasília, 13 de maio de 1998.

_____. *Orientações Gerais para Central de Esterilização*, Brasília, 2001.

<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/esterilizacao.pdf>

Brasil, Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Informe Técnico nº 04/07 *Glutaraldeído em estabelecimentos de assistência à saúde: Fundamentos para a utilização*. Disponível em:

http://www.anvisa.gov.br/servicos/saude/control/alertas/informe_tecnico_04.pdf Acesso em 26 de maio de 2009.

_____. *Segurança do paciente: Higienização das mãos*, Brasília 2008. Disponível em :http://anvisa.gov.br/servicosaude/manuais/paciente_hig_maos.pdf Acesso em 22 de maio de 2009

_____. *Princípios básicos para limpeza de instrumental cirúrgico em serviços de saúde*. DOU. Brasília, 2009: ANVISA. Disponível em:http://www.saude.sc.gov.br/ceciss/manuais/Informe_Tecnico_n_01_2009.pdf. Acesso em: maio de 2009.

_____. Resolução de Diretoria Colegiada - RDC nº 8, de 27 de fevereiro de 2009. Brasília, 2009. Disponível em: <http://e-egis.anvisa.gov.br/leisref/public/showAct.php?id=35890>. Acesso em 26 de maio de 2009.

ANDERS, PS; TIPPLE, AFV; PIMENTA, FC. *Kit para aerossol em um serviço de saúde: Uma análise microbiológica após reprocessamento*. Rev. da Escola de Enfermagem da USP, v.42, n.02, p.276 – 281, 2008.

CUNHA et al. *Recomendações práticas para processos de esterilização em estabelecimento de saúde*. São Paulo, 2000.

FERNANDES, AT; FERNANDES, MOV.; RIBEIRO FILHO, N. *Infecção Hospitalar e suas interfaces na área da saúde*. Rio de Janeiro. Atheneu, 2000.

GRAZIANO, K.U.; CASTRO, M.E.S.; MOURA, M.L.P.A. *A importância do procedimento da limpeza nos processos de desinfecção e esterilização de artigos*. Rev. SOBECC, v.07, n.03, p. 19-23, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE/ Organização Pan-americana de Saúde. Federação Brasileira de Hospitais. *Guias para controle de infecções hospitalares orientadas par a proteção da saúde do trabalhador hospitalar*. Brasília, 1992.

PADOVEZE, M.C. ; DEL MONTE, M. C. C. *Esterilização: processos físicos*. In: RODRIGUES, C. A. C. et. al. In: RODRIGUES, C. A. C. et. al. *Infecções Hospitalares: prevenção e controle*. São Paulo: Sarvier, 1997. P.404- 10.

RECOMENDAÇÕES PRÁTICAS EM PROCESSOS DE ESTERILIZAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE, Parte I: Esterilização a calor – Guia elaborado por enfermeiros Brasileiros. Campinas, SP: Komedi, 2000.

SILVA, M. D. A. ; RODRIGUES, A. L. ; CESARETTI, I. V. R. *Enfermagem na Unidade de Centro Cirúrgico*, 2º ed. São Paulo: EPU, 1997.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENFERMEIROS DE CENTRO CIRÚRGICO, RECUPERAÇÃO ANESTÉSICA E CENTRO DE MATERIAL E ESTERILIZAÇÃO-SOBECC, *Práticas Recomendadas da SOBECC: Centro Cirúrgico, Recuperação Anestésica e Centro de Material e Esterilização*, 4ªed, São Paulo, 2007.

23. FARMACOLOGIA BÁSICA ENF

Fundamentos de farmacologia tratando da farmacocinética e farmacodinâmica das drogas de modo geral. Neurotransmissão periférica e central. Abordagem farmacológica de pacientes especiais: idosos, gestantes, neonatos, cardiopatas, nefropatas e hepatopatas. Uso racional de medicamentos.

BIBLIOGRAFIA

- SILVA, P. *Farmacologia* - 6ª edição - Ed. Guanabara Koogan, 2002
RANG, H. P. ; DALE, M.M..*Farmacologia*, 5ª edição. Ed. Elsevier, 2004
KATZUNG, B. G. *Farmacologia Básica e Clínica* – 8 edição. Ed. Guanabara Koogan, 2002

24. SAÚDE MENTAL

O homem e suas relações. A construção da dimensão pessoal do enfermeiro - autoestima e auto imagem. Instrumentos básicos do cuidar: comunicação, observação, criatividade, concepções do trabalho em grupo / equipe, relacionamento interpessoal. Bases das intervenções de saúde mental na prática em saúde.

BIBLIOGRAFIA

- ATIKINSON LD, MURRAY ME. *Fundamentos de Enfermagem: introdução ao processo de Enfermagem*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1989.
BENJAMIN, A. *A entrevista de ajuda*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
CIANCIARULLO, T.I. *Instrumentos básicos para o cuidar - um desafio para a qualidade de assistência*. São Paulo: Atheneu, 1996.
MALDONADO, MT; CANELLA, P. *Recursos de relacionamento para profissionais de saúde*. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso Editores, 2003.
MIRANDA, C. F. *Atendendo o paciente*. Perguntas e respostas para o profissional de saúde. Belo Horizonte, Crescer, 1996.
MIRANDA, C. F. M.; MIRANDA, M. L. *Construindo a relação de ajuda*. 10 Ed. Belo Horizonte, Crescer, 1996.
RODRIGUES, A. R. F. *Enfermagem Psiquiátrica: saúde mental - prevenção e intervenção*. São Paulo. EPU, 1996.
SILVA, M. J. *Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde*. São Paulo, Ed. Gente, 1996.
TAYLOR, C. M. *Fundamentos de Enfermagem Psiquiátrica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

25. PATOLOGIA

Causas, mecanismos básicos, características morfológicas (macro e microscópicas), evolução e conseqüências dos processos patológicos gerais associados às doenças.

Repercussões funcionais e conseqüências dos processos patológicos gerais sobre as células, tecidos, órgãos e sistemas.

BIBLIOGRAFIA

BRASILEIRO FILHO G. BOGLIOLO. *Patologia Geral*. 3a edição. Editora Guanabara Koogan S.^a, Rio de Janeiro, RJ, 2004.

MONTENEGRO MR & FRANCO – *Patologia. Processos Gerais*. 3a. Edição. Livraria Atheneu Editora, São Paulo, SP, 1992.

RUBIN E, FARBER JL. *Patologia*. 4a. Edição. Editora Guanabara Koogan S.^a, Rio de Janeiro, RJ, 2006.

26. PARASITOLOGIA ENF

Ambiente e relação parasita-hospedeiro. Distribuição epidemiológica e geográfica de parasitas do homem. Biomorfologia, cadeia epidemiológica, patogenia, diagnóstico clínico-laboratorial, profilaxia, controle, tratamento de endemias parasitárias. Sistemática zoológica. Protozoários, helmintos, moluscos e artrópodes de relevância epidemiológica. Coleta, conservação e transporte de materiais de exame.

BIBLIOGRAFIA

REY, L. *Parasitologia*. Editora Guanabara Koogan, 2^a Ed. Rio de Janeiro, Brasil, 1991.

FERREIRA, A. W.; ÁVILA, SANDRA L. M.. *Diagnóstico Laboratorial*. Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1996.

NEVES, DAVID P. ET AL.. *Parasitologia Humana*. Ed. Atheneu, 9^a Ed. S. Paulo, Brasil, 1995.

SANTOS, LIV., *Procedimentos Laboratoriais Em Parasitologia Humana*. OMS.1^a Ed. S. Paulo, Brasil, 1994.

HEINZ MEHLHORN. SPRINGER VERLAG, BERLIN, GERMANY, *Parasitology In Focus*. 1988

ZAMAN, V. Panamericana Editorial Médica. *Atlas Color De Parasitologia Clínica* Ed. Buenos Aires, Argentina, 1993.

AMATO NETO, V.; BALDY, J.L.S. Ed. Sarvier, *Doenças transmissíveis*. 3^a Ed. S. Paulo, 1989.

LEVENTHAL R.; CHEADLE R. *Parasitologia Médica: Texto & Atlas* Editorial Premier, 4^a Ed. S.Paulo, Brasil, 1997.

27. FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E SÓCIO-HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO ENF

A Educação como processo social. A educação brasileira na experiência histórica do ocidente. A ideologia liberal e os princípios da educação pública. Sociedade, cultura e educação no Brasil: os movimentos educacionais e a luta pelo ensino público, a relação

entre a esfera pública e privada no campo da educação e os movimentos da educação popular.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*. Paz e Terra, 2000.

A RECONSTRUÇÃO EDUCACIONAL NO BRASIL: ao povo e ao governo. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. *Revista de Estudos Pedagógicos*. Brasília: MEC/INEP, v.65, nº150, maio/agosto, 1984.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Porto: Presença, 1974.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BUFFA, Ester. Educação e cidadania burguesas. In: *BUFFA, Ester e outros. Educação e cidadania: quem educa o cidadão?* São Paulo: Cortez, 1993.

CALDART, Roseli Salet. *Pedagogia do Movimento sem Terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CAPELATTO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

COÊLHO, Ildeu Moreira. Educação, escola, cultura e formação. In: *XII Encontro de Psicopedagogia*. Goiânia, 2002.

_____. *A escola fundamental e média, o saber e o ensino-aprendizagem*. Boletim de Professores, nº4, nov./92, FE/UFG. Goiânia, 1992.

CUNHA, Luiz. A. *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. *A Universidade temporã: o ensino da colônia à era de Vargas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

CUNHA, Luiz Antonio e GOÉS, Moacyr. *O golpe na educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

CURY, Carlos J. *Educação e Contradição*. São Paulo. Cortez, 1985.

_____. *Ideologia e Educação brasileira – católicos e liberais*. São Paulo: Cortez, 1978.

DEWEY, John. *Educação e democracia*. São Paulo: Nacional, 1979.

DURKHEIM, Emile. *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

EVANGELISTA, E. G. S. *Modernidade e educação em Emile Durkheim*. 1ª. ed. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

FEITOSA, Aécio. Raízes da Educação no Brasil, Fortaleza. *Educação em Debate*, nº 10, jul-dez, 1985.

FILHO, Lourenço. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

- _____. *Papel da educação na humanização*, (palestra, Chile, 1967).
- _____. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREITAG, B. *Escola, Estado e Sociedade*. São Paulo: Ed. Moraes, 1986..
- HOBBSBAWM, Eric. *Era das revoluções – 1789-1848*. Tradução Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- _____. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IANNI, Octavio *O ciclo da revolução burguesa*. Petrópolis/RJ, Vozes, 1984.
- _____. *A idéia de Brasil Moderno*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- LÖWY, Michael. *Ideologia e Ciência Social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 1985.
- MACHADO, Lucília R. S. *Politecnia, escola unitária e trabalho*. São Paulo: Cortez; Ed. Associados, 1989.
- MANACORDA, Mario Alighiero. *História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias*. 11ªed., São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. *Marx e a Pedagogia Moderna*. São Paulo: Cortez, 1980.
- MARROU, Henri-Irénée. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1990.
- MARX, Karl. O cidadão. In: IANNI, Octávio. (org.). *Sociologia*. p. 195-198.
- _____ e ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- RIBEIRO, Maria Luiza dos Santos. *História da Educação Brasileira: a organização escolar*. 16ªed., São Paulo: Autores Associados, 2000.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil (1930/1973)*. 19ªed., Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. 22ªed., São Paulo: Cortez, 1996.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 22ªed. São Paulo: Autores Associados, 2002.
- TEIXEIRA, Anísio. *Educação não é privilégio*. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.

28. ENFERMAGEM CLÍNICA

Análise das condições de vida e saúde do adulto e idoso com relação aos aspectos biopsicosociais e epidemiológicos. Metodologia da assistência de enfermagem aplicada ao adulto e ao idoso portador de doenças crônico-degenerativas em tratamento clínico no ambiente hospitalar. Nutrição enteral e parenteral. Atuação de enfermagem em procedimentos e métodos diagnósticos. Organização e funcionamento de unidade de clínica geral.

BIBLIOGRAFIA

- BATES, B. *Propedêutica Médica* 4^a ed. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan. 1995.
- BERGER, L.; MAILLOUX-POIRIER, D. *Pessoas Idosas – uma abordagem global*. Lisboa:Lusodidacta. 1995.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa. Cadernos de Atenção Básica, n.19. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica: Brasília, 2006. Disponível em http://dtr2004.saude.gov.br/dab/documentos/cardernos_ab/doumcentos/abacad19.pdf Acessado em 1 de abril de 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à Saúde. Acolhimento com avaliação e classificação de risco. Textos Básicos de Saúde, Série B. Ministério da Saúde. Secretaria executiva. Núcleo técnico da Política Nacional de Humanização: Brasília, 2006. Disponível em http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/DB_PNH.pdf Acessado em 29 de fevereiro de 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Diabetes. Cadernos de Atenção Básica, n.16. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica: Brasília, 2006. Disponível em http://dtr2004.saude.gov.br/dab/documentos/cardernos_ab/documentos/abacad16.pdf Acessado em 1 de abril de 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Prevenção Clínica de Doença Cardiovascular, cerebrovascular e renal crônica. Cadernos de Atenção Básica, n.14. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica: Brasília, 2006. Disponível em http://dtr2004.saude.gov.br/dab/documentos/cardernos_ab/documentos/abacad14.pdf Acessado em 1 de abril de 2007.
- CARPENITO, LJ. *Diagnósticos de enfermagem: aplicação à prática clínica*. Porto Alegre. Artmed. 1997.
- CARPENITO, LJ. *Plano de cuidados de enfermagem e documentação. Diagnóstico de enfermagem e problemas colaborativos*, 2^a ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1999.
- EPSTEIN, O. et al.. *Exame Clínico*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed. 1998.
- FISCHACH, F. *Exames laboratoriais e diagnósticos – manual de enfermagem*. 5^a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1998.
- FORBES, C; JACKSON D; WILLIAN F. *Atlas colorido e texto de clínica médica*. 2^a ed. Manole Ltda, 1997.

GOIOVANI, AMM. *Enfermagem: cálculo e administração de medicamentos*. São Paulo: Legnar Informática e Editora, 1999.

GUYTON, AA. *Fisiologia humana e mecanismos das doenças*. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1993.

IYER, P.W.; TATICH, B.J.; BERNOCCHI-LOSEY, D. *Processo e Diagnóstico em Enfermagem*. Artes Médicas:Porto Alegre. 1993 325p.

JOHNSON & Cols. *Diagnósticos, Resultados e Intervenções de Enfermagem: ligação entre NANDA, NIC e NOC*. Editora Artmed. 2005. (DP)

JOHNSON, M; MAAS, M. MOORHEAD S. *Classificação dos Resultados de Enfermagem (NOC)*. 2ª ed. Porto Alegre: Artimed, 2004.

McCLOSKEY, J; BULECHEK, G.M. *Classificação das Intervenções de Enfermagem (NIC)*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed. 2004.

MUSSI, NM et al. *Técnicas fundamentais de enfermagem*. São Paulo: Atheneu, 1995.

NANDA – NORTH AMERICAN NURSING DIAGNOSIS ASSOCIATION. *Diagnósticos de enfermagem: definições classificações*. Porto Alegre, Artes Médicas, 2004-2006. 177p.

NETTO, M.P. *Gerontologia – A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo:Atheneu. 1996.

PORTO, C.C. *Exame Clínico*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan. 3ª ed. 1996.

SMELTZER, S.C.; BARE, B.G. *Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica*. Guanabara Koogan. 7ª ed. 2005. 1782p.

WYNGAARDEN, JB; SMITH, LH; CECIL, MD. *Tratado de Medicina Interna*. 2 v. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1992.

Teixeira MJ, Marcon RM, Rocha RO, Figueiró JB. *Epidemiologia clínica da dor*. Revista Medicina 1999; 78(2pt.1):36-52.

29. ENFERMAGEM EM DOENÇAS INFECCIOSAS

Doenças infecciosas prevalentes em nossa região e país. Metodologia da assistência de enfermagem aplicada a pessoas com doenças infecciosas. Profilaxia das infecções por topografia: acesso vascular, sistema urinário e respiratório. Atuação da enfermagem em procedimentos e métodos diagnósticos.

BIBLIOGRAFIA

SCHATZMAYR, H.H. *Viroses emergentes e reemergentes*. Cad. Saúde Pública 2001; 17: 209-213.

VERONESE, R; Focaccia, R; Lomar, AV. *Retrovírus humanas – HIV/AIDS*. Ed. Atheneu. 1999.

VERONESE, R; Focaccia, R. *Tratado de Infectologia*. Ed. Atheneu. 2002.

Programa Nacional de DST/Aids. Ministério da Saúde. <http://www.aids.gov.br/>

Andrade, JG; Pereira, LIA. *Manual Prático de doenças transmissíveis*. UPTSP/UFG. 2003.

Ministério da Saúde. *Critérios de definição de casos de Aids em adultos e crianças*. Brasil. 2004.

Tavares, W.; Marinho, L.A.C. *Rotinas de diagnóstico e tratamento das doenças infecciosas e parasitárias*. Ed. Atheneu. 2005.

Schecheter, M. Marangoni, D.V. *Doenças infecciosas: conduta diagnóstica e terapêutica*. Ed. Guanabara Koogan. 2ª edição.

30. VIGILÂNCIA À SAÚDE

Vigilância Epidemiológica. Vigilância Sanitária. Vigilância ambiental. Territorialização. Dinâmica da população. Diagnóstico de Saúde da comunidade.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Incentivo à participação popular e controle social no SUS*. Textos técnicos para conselheiros de saúde. Brasília, 1998.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Departamento de Atenção Básica. *Guia prático do Programa Saúde da Família*. Brasília, 2001.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Fundação Nacional de Saúde. *Programa Saúde da Família. Saúde dentro de Casa*. Brasília, 1994.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde. *A Prática do Controle Social: Conselhos de Saúde e financiamento do SUS*. Série Histórica do CNS, n.1 Brasília, 2000.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Curso de Capacitação de Conselheiros Estaduais e Municipais de Saúde. Guia do Conselheiro*. Série F. Comunicação e Educação em Saúde. Brasília, 2002.

ROUQUAYROL, Maria Zélia; ALMEIDA FILHO, Naomar de. *Epidemiologia & Saúde*. 6ª Edição. Editora Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, 2003.

SILVA, Joana Azevedo da e DALMASO, Ana Sílvia Whitaker. *Agente Comunitário de Saúde: o ser, o saber, o fazer*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

31. FARMACOLOGIA APLICADA

Farmacologia da dor. Farmacologia cardiovascular e renal. Antimicrobianos. Drogas que atuam no sistema nervoso central e dependência química. Mecanismo de ação dos fármacos, efeitos terapêuticos e adversos, interações medicamentosas e características farmacocinéticas das drogas.

BIBLIOGRAFIA

RANG, H.P., DALE, M.M. RIITER, J. M. *Farmacologia*, 5 ed. Rio de Janeiro:Elsevier, 2004.

KATZUNG, G.B. *Farmacologia Básica e Clínica*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 2003.

SILVA , PENILDON. *Farmacologia*. 7 ed, Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2002.

32. NUTRIÇÃO

Conceitos básicos em alimentação e nutrição. Hábitos e práticas alimentares. Necessidades e recomendações nos diferentes ciclos da vida. Macro e micronutrientes - função, fontes e recomendação. Segurança alimentar. Avaliação nutricional. Alimentação na promoção da saúde e prevenção de doenças. Dietas com consistência modificada. Dietoterapia nas doenças crônicas não transmissíveis. Nutrição enteral e parenteral.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Regulamento Técnico referente à informação Nutricional Complementar. Número 27, de 13 de janeiro de 1998. Diário Oficial da União, Brasília, 19 de janeiro de 1998a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Regulamento Técnico para Fixação de Identidade e Qualidade de Alimentos para Fins Especiais. Número 29, de 13 de janeiro de 1998 (versão republicada – 30.03.1998). Diário oficial da União, Brasília, 30 de março de 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Regulamento Técnico para Rotulagem Nutricional Obrigatória de Alimentos e Bebidas Embalados. Número 360, de 23 de dezembro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, 26 de dezembro de 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Coordenação – Geral da Política de Alimentação e Nutrição. Guia Alimentar para a população brasileira: Promovendo a alimentação saudável/ Alimentação e Nutrição. Brasília: Ministério da Saúde, 2006

DUTRA de OLIVEIRA, J.E, MARCHINI, D. **Ciências Nutricionais**. São Paulo: Sarvier, 1998. 403 p.

MAHAN. L. K.; ESCOTT-STUMP, S. *Alimentos, nutrição & dietoterapia*. 11. ed. São Paulo: Roca, 2005. 1242p.

PHILIPPI, S.T. *Nutrição e Técnica Dietética*. São Paulo: Manole, 2003. 390 p.

TIRAPEGUI, J. *Nutrição: fundamentos e aspectos atuais*. 1 ed. São Paulo: Atheneu, 2000. 284 p.

33. PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO I ENF

Introdução ao estudo da psicologia: fundamentos históricos e epistemológicos. Relação Psicologia e educação. Abordagens teóricas: comportamental e psicanalítica e suas contribuições para a compreensão do desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor e suas implicações no processo ensino-aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, M.A.M. *A psicologia na educação: algumas considerações*. São Paulo: Cadernos USP, p.97-112, 1991.

_____. *Psicologia e educação no Brasil: uma perspectiva histórica. Anuário – 2000. Psicologia: análise e crítica da prática educacional*. Anped, GT Psicologia da Educação, 2000.

BITTAR, M. e GEBRIN, V.S. *O papel da psicologia da educação na formação de professores*. Goiânia: Educativa, v. 2, p.7-12, jan./dez. 1999

BOCK, A.M., FURTADO, O. e TEIXEIRA, M. de L.T. *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. São Paulo: Saraiva, 1991

FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. *Psicologia, uma introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência*. São Paulo: EDUC, 1991.

FREUD, S. (1914) *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 137-144.

_____. *Um estudo autobiográfico*. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. *O mal-estar da civilização/ Novas lições de psicanálise*. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1907). *O esclarecimento sexual das crianças (carta aberta ao Dr. M. Furst)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 137-144.

JAPIASSU, H. *Introdução à epistemologia da psicologia*. São Paulo: Scipione, 1997.

KUPFER, M.C. *Freud e a educação – o mestre do impossível*. São Paulo: Scipione, 2005.

LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J.-B. (2001) *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

LUNA, S.V. de. *Contribuições de Skinner para a educação*. In: V.M.N. de S. PLACCO (Org). *Psicologia e educação: revendo contribuições*. São Paulo: EDUC, 2003. pp.145-179

MAJOR, R.; TALAGRAND, C. *Freud*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.

MATTOS, M.A. Análise de contingências no aprender e no ensinar. In: ALENCAR, Eunice Soriano de. (org.). *Novas contribuições da Psicologia aos processos de ensino e aprendizagem*. São Paulo: Cortez, 1992.

MILLOT, C. *Freud Antipedagogo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

MIRANDA, M.G. de. A psicologia dos psicólogos e a psicologia dos educadores. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, nº 83, p. 71-71, nov., 1992.

MIRANDA, Marília Gouveia de. A psicologia da educação na perspectiva da relação teoria e prática. In: M.G. de MIRANDA e A.C. de A. RESENDE (Orgs.). *Escritos de psicologia, educação e cultura*. Goiânia: Editora da UFG, 2008.\1

PATTO, M.H.S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1993.

PATTO, M.H.S. Da psicologia do 'desprivilegiado' à psicologia do oprimido. In: PATTO, M.H.S. (Org.) *Introdução à psicologia escolar*. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1993. p.208-228.

PATTO, M.H.S. *Psicologia e ideologia (uma introdução crítica à psicologia escolar)*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1984.

REGO, T.C.; AQUINO, J.G. (Org.) *Freud pensa a educação*. São Paulo: Segmento, 2006. (Revista Educação – Especial: Biblioteca do Professor).

RODRIGUES, M.E. *A contribuição do behaviorismo radical para a formação de professores – uma análise a partir das dissertações e teses no período de 1970 a 2002*. 2005. 483 f. Tese (Doutoramento em Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SCHULTZ, D.P., SCHULTZ, S.E. *História da psicologia moderna*. São Paulo: Cultrix, 2002.

SKINNER, B. F. Entrevista B. F. Skinner. *Revista Veja*, nº 316 - 25 de Setembro de 1974. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/psicoeduc/behaviorismo/veja-entrevista-b-f-skinner/>

_____. *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Cultrix, 1974.

SKINNER, B. F. *Tecnologia do ensino*. São Paulo: Herder, EDUSP, 1972. (Trabalho original publicado em 1968).

_____. *Walden II: uma sociedade do futuro*. São Paulo: E. P. U: 1978.

34. ENFERMAGEM CIRÚRGICA

Metodologia da assistência de enfermagem aplicada à pessoa adulta / idosa e acompanhantes no período perioperatório. Procedimentos especializados de enfermagem cirúrgica. Atuação de enfermagem em métodos diagnósticos. Medidas profiláticas

relacionadas às infecções de feridas cirúrgicas. Organização e funcionamento de unidades cirúrgicas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BATES, B. **Propedêutica Médica**. 6º ed. Rio de Janeiro. Guanabara – Koogan, 2006.

BLACK, J.M.; MATASSARIN-JACOBS, E. Luckmann & Sorensen: **Enfermagem Médico-Cirúrgica - Uma Abordagem Psicofisiológica**. 4ª ed. Rio de Janeiro. Guanabara - Koogan. 1996. V. 1 e 2. CARPENITO, L.J. **Diagnósticos de enfermagem – aplicação à prática clínica**. 8 ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 2002.

DOENGES M.E., MOORHOUSE, M.F., GEISLER A.C. **Planos de cuidado de enfermagem: orientações para o cuidado individualizado do paciente**. 5ª edição, Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 2000.

FISCHBACH, F. [Manual de Enfermagem - Exames Laboratoriais e Diagnósticos](#). 7ª edição, Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 2005.

LACERDA, R. **Controle de Infecção em Centro Cirúrgico: fatos, mitos e controvérsias**. Atheneu, 2003.

MEEKER, M.H.; ROTHROCK, J.C. Alexander: **Cuidados de Enfermagem ao Paciente Cirúrgico**. 10ª ed. Rio de Janeiro. Guanabara-Koogan. 1997.

NANDA – NORTH AMERICAN NURSING DIAGNOSIS ASSOCIATION. **Diagnósticos de enfermagem: definições e classificações**. Porto Alegre, Artmed, 2002.

SILVA, M.D. A et al. **Enfermagem na unidade de Centro Cirúrgico**. 2 ed, São Paulo, Pedagógica e Universitária, 1997.

SMELTZER, S.C.; BARE, B.G. - BRUNER & SUDDARTH - **Tratado de enfermagem médico - cirúrgica**. 9ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRIS, DEBORAH A. **Semiologia - Bases para a Prática Assistencial**. 1ª edição. Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 2006.

BAIKIE, P. **Sinais e Sintomas**. 1ª edição. Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 2006.

CINTRA, E.A.; NISHIDE, V.M.; NUNES, W.A. **Assistência de Enfermagem ao paciente Crítico**. São Paulo, Atheneu, 2000.

FALEIROS SOUSA, F.A.E. (2002). **Mensuração da dor** (pp. 23-32). Em: Sociedade Brasileira para o estudo da dor, Associação Brasileira de Cuidados Paliativos e Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (coord.). 1º Consenso Nacional de Dor Oncológica. Editora de Projetos Médicos, São Paulo, Brasil.

JARVIS, C. **Exame Físico e Avaliação de Saúde**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 2002.

JORGE FILHO, I. et al. **Cirurgia Geral: pré e pós-operatório**. São Paulo, Atheneu, 1995.

KAWAMOTO, EE. **Enfermagem Clínica Cirúrgica**. EPU- São Paulo, 1997.

SPARKS, S.R.; TAYLOR, C.M. **Manual de Diagnóstico de Enfermagem**. 6 ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2007.

FERNANDES, AT.; FERNANDES, MOV.; RIBEIRO FILHO, N. **As infecções Hospitalares e suas Interfaces na área da Saúde**. 1ª ed. São Paulo, Atheneu, 2000.

PRADO MA. Staphylococcus aureus e Staphylococcus aureus metilina resistentes (MRSA) em profissionais de saúde e as interfaces com as infecções nosocomiais. Revista Eletrônica de Enfermagem [serial on line] 2007 Set-Dez; 9(3):880-882. URL: <http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n3/v9n3a27.htm>.

35. ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA

As diferentes concepções de loucura e sua historicidade. Políticas públicas de saúde mental. Fundamentos da enfermagem psiquiátrica. Transtornos mentais. Dependências químicas. Estratégias de intervenção em saúde mental. A prática de saúde mental nos diversos espaços terapêuticos.

BIBLIOGRAFIA

CAPLAN, G. *Compêndio de Psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

DALGALARRONDO, P. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

EY, H.; BERNARD, P. B. et al. *Manual de psiquiatria*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

IRVING, S. *Enfermagem psiquiátrica básica*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.

KOLB, L. *Psiquiatria clínica*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1976.

MANZOLLI, M. C. (Org.) *Enfermagem psiquiátrica: da enfermagem psiquiátrica à saúde mental*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.

NUNES, P.; BUENO, R.; NARDI, A. E. *Psiquiatria e saúde mental: conceitos clínicos e terapêuticos fundamentais*. São Paulo: Atheneu, 2005.

PETESTRELO, D. *A medicina da pessoa*. São Paulo: Atheneu, 1982.

RODRIGUES, A. R. F. *Enfermagem psiquiátrica. Saúde mental: prevenção e intervenção*. São Paulo: EPU, 1996.

SARACENO, B. et al. *Manual de saúde mental*. São Paulo. Hucitec, 1994.

STEFANELLI, M. *Comunicação com o paciente: teoria e ensino*. São Paulo: Robe, 1993.

TAYLOR, C. M. *Fundamentos de enfermagem psiquiátrica de Mereness*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

TOWNSEND, M. C. *Enfermagem psiquiátrica: conceitos e cuidados*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

TRAVELBEE, J. *Intervención em enfermeria psiquiatrica*. Colombia: OPAS/OMS, 1982.

VALLADARES, A. C. A. (Org.) *Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental*. São Paulo: Vetor, 2004.

36. ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A PACIENTE CRÍTICO

Planejamento, organização e funcionamento da unidade de emergência. Assistência de enfermagem sistematizada a pessoas e familiares em situação de emergência e em estado crítico. Atendimento hospitalar a vítimas de trauma. Aspectos éticos na assistência de enfermagem em emergência. Suporte emocional a pessoas e familiares em situações de emergências. Doação, captação e transplante de órgãos.

BIBLIOGRAFIA

AMERICAN HEART ASSOCIATION. *Aspectos mais relevantes das diretrizes 2005 da American Heart Association sobre ressuscitação cardiopulmonar e atendimento cardiovascular de emergência*. Currents. 2005. v. 16, n. 4, inverno 2005 - 2006: 1 - 28. Disponível em: <http://www.bombeirosemergencia.com.br/Arquivos%20PPS/diretrizrcp.pdf> Acesso em 03 mar 2008.

AMERICAN HEART ASSOCIATION. Guidelines 2005 for cardiopulmonary resuscitation and emergency cardiovascular care. *Circulation* 2005. v. 112, Issue 24 Supplement; December 13. Disponível em http://circ.ahajournals.org/content/vol112/24_suppl/ Acesso em 03 mar 2008.

AMERICAN HEART ASSOCIATION. Diretrizes 2000 para ressuscitação cardiopulmonar e assistência cardiovascular de emergência. Currents. v. 1, n. especial, p. 3 - 30. Edição especial. s/d.

AMERICAN HEART ASSOCIATION. International guidelines 2000 for CPR and ECC. *Circulation* 2000; v.102:I-1 - I-59 Disponível em <http://circ.ahajournals.org/cgi/search?journalcode=circulationaha&fulltext=2000+guidelines> Acesso em 03 mar 2008. BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria Nº 2048/GM de 5 de novembro de 2002.

Regulamenta o atendimento das urgências e emergências. Disponível em http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=23606 Acesso em 03 mar 2008.

BERGERON, J. D.; BIZJAK, G. *Primeiros socorros*. São Paulo: Atheneu, 1999.

CALIL, A.M.; PARANHOS, W.Y. *O enfermeiro e as situações de emergência*. São Paulo: Atheneu, 2007. 795p.

CARVALHO, M.G. *Atendimento pré-hospitalar para enfermagem: suporte básico e avançado de vida*. São Paulo: Iátria, 2004.

COIMBRA, R. S. M. *et al. Emergências traumáticas e não traumáticas: manual do residente e do estudante*. São Paulo: Atheneu, 1998.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. *Resolução COFEN nº. 311/2007*. Aprova a reformulação do código de ética dos profissionais de enfermagem. Disponível em <http://www.portalcofen.gov.br/2007/materias.asp?ArticleID=7221§ionID=34> Acesso em 03 mar 2008.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. *Resolução COFEN Nº 300/2005* Dispõe sobre a atuação do profissional de enfermagem no atendimento pré- hospitalar e inter-hospitalar. Disponível em <http://www.portalcofen.gov.br/2007/materias.asp?ArticleID=7128§ionID=34> Acesso em 03 mar 2008.

COMITÊ DO PHTLS DA NATIONAL ASSOCIATION OF EMERGENCY MEDICAL TECHNICIANS (NAEMT). *Atendimento pré-hospitalar ao traumatizado: básico e avançado*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

HAFEN, B. Q.; KARREN, K. J. FRANDSEN, K. J. *Guia de primeiros socorros para estudantes*. 7.ed. Barueri-SP: Manole, 2002.

OLIVEIRA, B. F. M.; PAROLIN, M.K.F.; TEIXEIRA Jr, E. V. *Trauma: atendimento pré-hospitalar*. 2.ed. São Paulo: Atheneu, 2007. 536p

SANTOS, N. C. M. *Urgência e emergência para enfermagem: do atendimento pré-hospitalar (APH) à sala de emergência*. 4.ed. rev. e ampl. São Paulo: Iátria, 2007.

SANTOS, R. R.; CANETTI, M. D.; RIBEIRO JUNIOR, C.; ALVAREZ, F. S. *Manual de socorro de emergência*. São Paulo: Atheneu, 1999.

SENAC. DN. *Primeiros socorros*. Rio de Janeiro: SENAC/DN/DFP, 1997.

TIMERMAN, S. et al. *ABC da ressuscitação (RCP-ABC): adulto e pediátrico*. São Paulo: Atheneu, 2004.

TIMERMAN, S.; GONZALEZ, M. M. C.; RAMIRES, J. A. F. (ed). *Ressuscitação e emergências cardiovasculares: do básico ao avançado*. Barueri-SP: Manole, 2007. 760p.

37. ADMINISTRAÇÃO I

Teorias de administração científica aplicadas à enfermagem. Filosofia e estrutura organizacional. Divisão de trabalho em enfermagem. Meios e instrumentos do processo

de trabalho. Tipos de gestão. Sistema de informação. Planejamento. Processo decisório. Trabalho em equipe, conflitos, negociação.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, A. V.; TREVIZAN, M. A. *Gerenciamento da qualidade: utilização no serviço de enfermagem*. Rev. Latino-am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 8, n. 1, p. 35-44, janeiro 2000.

BEZERRA, A.L.Q. *Contexto de Educação Continuada*. São Paulo, MARTINARI, 2003.

BRASIL, Secretaria nacional de Ações Básicas de Saúde. *Normas e Padrões de Construções e Instalações de Serviço de Saúde*.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

http://portal.saude.gov.br7portal/arquivos/pdf/portaria687_2006_anexo01.pdf

BORK, A M T. *Enfermagem de Excelência: da Visão à Ação* : Guanabara Koogan. 1ª Edição - 2003 - 201 pág.

BRITO, L F M. *Segurança aplicada às instalações hospitalares*. 4ª ed. Senac. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

CHIAVENATO, I. *Gestão de Pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações*. Rio de Janeiro, Campus, 1999.

CHIAVENATO, I *Administração: teoria, processo e prática*. 1ª Edição CAMPUS - 2006 - 450 pág.

CZAPSKI, C A. *Qualidade em estabelecimentos de saúde*. 1ª ed. São Paulo: SENAC 1999.

D'INNOCENZO, M; FELDMAN, LB; FAZENDA, NRR ; HELITO, R.A.B ; RUTHES RM. *Indicadores, Auditorias, Certificações: Ferramentas de Qualidade para Gestão em Saúde*. 1ª. ed. São Paulo: Martinari, 2006.

DECENZO, D.A.; ROBBINS P.S. *Administração de Recursos Humanos*. Tradução Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos. 6ª ed. Rio de Janeiro, 1999.

FELDMAN, L. B *Como alcançar a Qualidade nas Instituições de Saúde* 1ª. ed. São Paulo: Martinari, 2004

GONÇALVES, E. L. *Gestão Hospitalar. Administrando o Hospital Moderno*. São Paulo: Saraiva, 2006.

KURCGANT, Paulina *et al. Administração em Enfermagem*. São Paulo: EPU, 1991.

KURCGANT, P. *Gerenciamento em Enfermagem*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan., 2005

NOGUEIRA, LC L. *Gerenciando pela Qualidade Total na Saúde*. 2ª Edição. Belo Horizonte: INDG, 1999.

MARX; L.C.; MORITA, C. L. *Manual de Gerenciamento de Enfermagem*. São Paulo; EPUB; 2003. 108 p.

MARQUIS, B.L.; HUSTON, C.J. *Administração e Liderança em Enfermagem: Teoria e Aplicação*. 2ª ed. Editora Artes Médicas Sul Ltda. Porto Alegre, 1999.

MERHY, E E; ONOCKO, R; *Agir em saúde: um desafio para o público*. 2ª Edição. São Paulo: HUCITEC, 2002.

MOTA, PR. *Gestão contemporânea: A ciência e a arte de ser dirigente*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MEZOMO, J. C. *Gestão da qualidade na saúde: princípios básicos*. Barueri: Manole, 2001.

MUNARI, D. B. *Enfermagem e grupos*. Goiânia, AB, 1997.

38. SOCIOLOGIA

O homem sob a perspectiva sociológica. Conjuntura nacional. Organização e dinâmica social. Sociedade e ciência. Poder. Política social e enfermagem. Representação social da doença. Papel social da enfermagem.

BIBLIOGRAFIA

BECKER, H. M. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

DA MATA, R. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 39-58.

FOUCAULT, M. O nascimento do hospital. _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1995, p. 99-113.

GIDDENS, A.. Família. In: _____. *Mundo em descontrolado*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 61-75.

GIDDENS, A. Tradição. In: _____. *Mundo em descontrolado*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 47-60.

39. PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO II ENF

Abordagens teóricas da psicologia genética de Piaget e da psicologia sócio-histórica de Vygotsky, e suas contribuições para a compreensão do desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor e suas implicações no processo ensino-aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA

BOCK, A.M.B. *Psicológicas*. São Paulo: Saraiva, 1991.

BRENNER, C.. *Noções básicas de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago/São Paulo: Edusp, 1987.

- HENNEMAN, R. H. *O que é Psicologia*. 13ª ed. Rio de Janeiro; José Olímpio, 1984.
- LOURENÇO, M. C. da S. *O Néobehaviorismo; breve exposição e elementos para uma análise crítica*. S.n.t
- _____. *Psicologia escolar: mera aplicação de diferentes psicologias à Educação?* In: PATTO, M. H. S. *Introdução à Psicologia Escolar*. 3ª ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- OLIVEIRA, M. K.. *Vygotsky*. São Paulo: Scipione, 1993
- PIAGET, J. *Seis Estudos de Psicologia*. São Paulo; Record 1976.
- RAMOZZI-CHIAROTINO, Zélia. *Psicologia e Epistemologia Genética de Piaget*. São Paulo; EPU, 1988.
- RAPPAPORT, C.R. *Teorias do desenvolvimento*. São Paulo: EPU, 1981, 4 vol.
- SKINNER, B.F. *Ciência e comportamento Humano*. Brasília: EDUnB, 1967
- SOUSA, M.; MACHADO, A. M. *As crianças excluídas da escola: um alerta para a Psicologia*. s.n.t.
- VASCONCELOS, V. M.R.; VALSINER, J. *Perspectiva co-construtivista e na psicologia e na educação*. Porto Alegre_ Artes Medicas, 1995.
- VITELLO, Nelson [et al.] *Adolescência Hoje*. São Paulo. 1988.
- VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo. Martins Fontes, 1990.

40. ENFERMAGEM GINECOLÓGICA E OBSTÉTRICA I

A enfermagem no contexto das políticas públicas de saúde integral da mulher no âmbito do SUS. Metodologia da assistência de enfermagem aplicada à saúde sexual e reprodutiva da mulher (sexualidade, prevenção de câncer de colo uterino e de mama, planejamento familiar, doenças sexualmente transmissíveis, pré-natal de baixo risco, climatério), com ênfase nas ações de baixa e média complexidade.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES FILHO, N.; CORREA, MD.; ALVES JÚNIOR, JMS.; CORREA JUNIOR, MD. *Perinatologia Básica*. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2006.
- BARROS, SMO. (org.). *Enfermagem no ciclo gravídico-puerperal*. Barueri – SP: Manole, 2006.
- BEREK, JSN. *Tratado de Ginecologia*. 13º ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2005.
- Biblioteca Virtual - Internet
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde - Pré-natal e puerpério - Atenção qualificada e humanizada. Manual técnico. 3. ed. Revisada. Série Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos - Caderno n. 5. Brasília: Secretaria de Atenção à Saúde / Ministério da Saúde, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Urgências e Emergências Maternas: guia para diagnóstico e conduta em situações de risco de morte materna. 2. ed. MINISTÉRIO DA SAÚDE, Secretaria de Políticas de Saúde, Área técnica da Saúde da Mulher. Brasília: Ministério da Saúde, 2000, 119 p.

_____. *Gestação de Alto Risco*. Brasília: Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica da Saúde da Mulher. 2000, 164 p.

_____. *Violência Faz Mal à Saúde*. Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Área técnica da Saúde da Mulher. Brasília: Ministério da Saúde, 2004, 295 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde da Mulher. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher. Brasília; 2001.

RESENDE, J.; MONTENEGRO, CAB. *Obstetrícia fundamental*. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

41. ENFERMAGEM PEDIÁTRICA E NEONATOLÓGICA I

Políticas públicas e a saúde da criança. Metodologia da assistência de enfermagem aplicada ao recém-nascido e à criança sadios e com afecções prevalentes, em ambulatórios e na comunidade.

BIBLIOGRAFIA

BEHRMAN, R. E. & KLIEGMAN, R. M. Nelson - *Tratado de pediatria*. 17 ed. Guanabara Koogan. 2004

BOWDEN, V.R.; GREENBERG, C.S. *Procedimentos de enfermagem pediátrica*. Trad. Claudia Lúcia Caetano de Araújo, Ivone E, Cabral, 2005.

HOCKENBERRY, M. J.; WILSON, D.; WINKELSTEIN, M. L. Wong – *Fundamentos de enfermagem pediátrica*. 7ª ed. Trad. Danielle Corbett. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

42. PRÁTICAS DA ENFERMAGEM EM SAÚDE COLETIVA

Metodologia da assistência de enfermagem aplicada ao indivíduo, família e comunidade no contexto dos programas e políticas públicas de saúde. Planejamento, desenvolvimento e avaliação de ações de saúde junto a instituições do Sistema Único de Saúde e outras.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, LAAR. *Perfil gerencial do enfermeiro para atuar na atenção primária à saúde*. In: SANTOS, AS; MIRANDA, SMRC (Orgs). *A enfermagem na gestão em atenção primária à saúde*. Barueri, SP: Manole, 2007, 436p.

ALBARRACÍN, D.E.E. *Saúde-Doença na Enfermagem: Entre o Senso Comum e o Bom Senso*. AB Editora, Goiânia/Go-2002

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA. *SUS: O que você precisa saber sobre o Sistema Único de Saúde*. v.1, São Paulo, 2002.

BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política nacional de Atenção Básica. Brasília, v.4, 2006.

_____ Ministério da Saúde. *Gestão do Trabalho na Saúde/ Conselho Nacional de Secretários de Saúde*. Brasília. CONASS, 2007.

_____ Ministério da Saúde. *Assistência de Média e Alta Complexidade no SUS/ Conselho Nacional de Secretários de Saúde – Brasília: CONASS, 2007.*

_____ Ministério da Saúde. *Sistema Único de Saúde*. Conselho Nacional de Secretários de Saúde – Brasília: CONASS, 2007.

_____ Ministério da saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica . Manual técnico para o controle da Tuberculose. Caderno de Atenção Básica. n. 6. Brasília, 2002.

_____ Ministério da saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia para o controle da Hanseníase. Caderno de Atenção Básica, n.10, Brasília, 2002.

_____ Ministério da saúde. Departamento de Atenção Básica. Área temática de Diabetes e Hipertensão Arterial. Brasília, 2001.

_____ Ministério da saúde. Fundação Nacional de Saúde. Manual de Procedimentos para Vacinação. IMUNIZAÇÕES. Brasília, 2001.

CAMPOS, GWS; MINAYO, MCS; AKERMAN, M; JÚNIOR, MD; CARVALHO, YM (orgs). *Tratado de Saúde Coletiva*, 2ª reimpressão. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007, 871 p.

CARVALHO, G. I., SANTOS, L. *Sistema Único de Saúde: comentários a Lei Orgânica de saúde*. São Paulo, 2ª ed. Hucitec, 1995.

DUCAN, B.B. et all. *Medicina ambulatorial: Condutas clínicas em Atenção Primária*. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 1996.

FIGUEIREDO, N.M.A. *Ensinando a cuidar em Saúde Pública*. São Caetano de Sul /SP, Yendis Editora, 2005.

KAWAMOTO. E.E. et al. *Enfermagem Comunitária*, São Paulo, EPU, 1995.

LUNARDI, V.L. *Historia da Enfermagem: rupturas e continuidades*. Pelotas: UFPel. Editora Universitária, 1998.

MENDES, E.V. et all. Distrito Sanitário: O Processo social de mudança das práticas sanitárias do Sistema Único de Saúde. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MERHY, E.E.; ONOCKO, R. (Org) *Agir em Saúde – um desafio para o público*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

QUEIROZ, V.M.; EGRY. *Bases metodológicas para a assistência de enfermagem em Saúde Coletiva*. Rev. Bras. Enfermagem. Brasília, v. 41, nº 1, p. 26-33, 1988.

RIZZOTO, M.L.F. *Historia da Enfermagem e sua relação com a Saúde Publica*. Goiânia: AB, 1999.

ROSEN, G. *Uma História da Saúde Pública*, São Paulo, Hucitec/Abrasco, 1994

ROCHA B.S. *Enfermeiros do Programa de Saúde da Família coordenadores de equipe: perfil profissiográfico, técnico e interpessoal*. [dissertação]. Goiânia (GO): Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Goiás; 2008.

ROUQUAYROL. M.Z. *Epidemiologia e Saúde*, 5º ed., Rio de Janeiro, MEDSI, 1999.

SANTOS, NR. *Políticas Públicas de Saúde no Brasil: encruzilhada, buscas e escolhas de rumos*. Rev Ciências e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, maio/2008.

43. ÉTICA E EXERCÍCIO DA ENFERMAGEM

Abordagem geral da ética. Instrumentos ético-legais que norteiam o exercício profissional da Enfermagem. Temas em ética e bioética no ensino, pesquisa e assistência de enfermagem. Entidades de classe.

BIBLIOGRAFIA

BOFF, Leonardo – *Ética da vida*. Brasília: Letrativa, 1999.

BRASIL, Lei 7.498 de 25 de junho de 1986. *Dispõe sobre a Regulamentação do Exercício da Enfermagem e dá outras providências*. In: conselho Regional de Enfermagem. Código de -Ética dos Profissionais de Enfermagem

GELAIN, Ivo. *Deontologia e Enfermagem*. São Paulo: EPU, 1998.

GAUDERER, D.E. C. *Os Direitos do Paciente*. Um manual de sobrevivência. 7 ed. Editora Record. 2002

GERMANO, R.M. *A ética e o ensino da ética na Enfermagem do Brasil*, SP, Cortez, 1993.

OGUISSO, T. *Ética e bioética: desafios para a enfermagem e a saúde*. 1ª ed. Editora Manole, 2006.

44. ANTROPOLOGIA DA SAÚDE

Cultura: conceitos, relativismo e etnocentrismo. Saúde e cultura. Cultura brasileira. Valores, preconceitos, tabus, crenças e religião.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA: LÉVI STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

GEERTZ, C. “A *Transição para a Humanidade*”. In: TAX, S.(org.). 1966. *Panorama da Antropologia*. Rio de Janeiro, São Paulo, Lisboa: Fundo de Cultura. ...Disponível em http://www.arq.ufsc.br/urbanismo5/artigos/artigos_gc.pdf

45. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I

Apresentação do projeto do Trabalho de Conclusão de Curso.

BIBLIOGRAFIA

ABNT

Resolução 196\1996.

Revista Eletrônica de Enfermagem

Livros de Metodologia Científica

46. POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL ENF

A relação do Estado e políticas educacionais. Os desdobramentos da política educacional no Brasil pós-64. As políticas de regulação e gestão da educação brasileira e a (re)democratização da sociedade brasileira. Os movimentos de diversificação, diferenciação e avaliação da educação nacional. Legislação educacional atual. A regulamentação do sistema educativo goiano e as perspectivas para a escola pública em Goiás.

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, Almerindo Janela. *Avaliação educacional: regulação e emancipação*. São Paulo: Cortez, 2000.

ALVES, Wanderson; FUSARI, José C. A formação contínua e a batalha do trabalho real: um estudo a partir dos professores da escola pública de Ensino Médio. In: SIMPÓSIO SOBRE TRABALHO E EDUCAÇÃO, 5, 2009, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, NETE/FAE/UFMG, 2009. Disponível em:

<http://www.portal.fae.ufmg.br/simposionete/sites/default/files/ALVES,Wanderson.pdf>

AZEVEDO, Janete Lins. *A educação como política pública*. 2ª ed. Ampl. Campinas: Autores Associados, 2001. Coleção Polêmica do Nosso Tempo.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, LDBEN 9.394 de 24 de dezembro de 1996. Brasília.

CURY, Carlos R.J. Estado e políticas de financiamento em educação. *Educação & Sociedade*. Campinas, v.28, n.100, p. 831-855, out. 2007.

DOURADO, Luiz F.; PARO, Vitor H. (Orgs.). *Políticas públicas e educação básica*. São Paulo: Xamã, 2001.

GRUPPI, Luciano. *Tudo começou com Maquiavel: as concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci*. 16 ed. Porto Alegre: L&PM, 2001.

HOFLING, Eloísa. Estado e políticas (públicas) sociais. *Cadernos Cedes*, ano XXI, p. 30-41, n.55, nov. 2001.

KUENZER, Acácia Z. & CALDAS, Andréa R. Trabalho docente: comprometimento e desistência. In: SIMPÓSIO

TRABALHO E EDUCAÇÃO, 4, 2007, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, FaE/UFMG, 2007. Disponível em <http://www.fae.ufmg.br/nete>. Acesso em jan.2008

LIBÂNEO, J.C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003.

PARO, Vitor H. *Gestão democrática da escola pública*. São Paulo: Ática, 2001. (pp.83-105)

PERONI, Vera. *Política educacional e papel do Estado: no Brasil dos anos 1990*. São Paulo: Xamã, 2003.

SAVIANI, Dermeval. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.

SHIROMA, Eneida Oto, MORAES, Maria Célia M. de & EVANGELISTA, Olinda. *Política Educacional*. Coleção "O que você precisa saber sobre...", Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2000.

SILVA, Luiz Gustavo Alexandre. *Educação e participação*. Goiânia: UFG, 2006.

SOUSA, Sandra M.Z.L. Avaliação do rendimento escolar como instrumento de gestão. In: OLIVEIRA, Dalila A. (org.). *Gestão democrática da educação*. 6ªed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MALISKA, Marcos A. Max Weber e o Estado racional moderno. *Revista do Centro de Estudos Jurídicos da UFPR*, v. 1, n. 1, ago./dez. 2006. Disponível em: <http://www.cejur.ufpr.br/revista/artigos/001-2sem-2006/artigo-02.pdf>

VIEIRA, Sofia L. *Política educacional em tempos de transição*. Brasília: Editora Plano, 2000.

47. ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LICENCIATURA I

Observação da realidade para análise da educação como prática social. Abordagens de ensino. Estudo dos processos ensino-aprendizagem. Identificação dos problemas da prática educativa em instituição de ensino de formação básica.

BIBLIOGRAFIA

CHARLES, C.M. PIAGET *ao alcance dos professores*. Rio de Janeiro, 1975.

AMARAL, M. N. DEWEY: *filosofia e experiência democrática*. Ed. USP. São Paulo, 1990.

DELORS, J. (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. 8. ed. São Paulo: Cortez,

DIAZ – BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. *Estratégias de ensino – aprendizagem*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

MIZUKAMI, M. G. *Ensino. As abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo, ed. Paz e Terra, 1997.

SAVIANI, D. *Escola e democracia*. 39ª ed. Autores associados. Campinas/SP. 2007.

SEBER, M. G.; LUIS, V. L. *PIAGET o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio*. Ed. Scipione. São Paulo, 2006.

48. ENFERMAGEM GINECOLÓGICA E OBSTÉTRICA II

A enfermagem na assistência à mulher em unidades hospitalares. Metodologia da assistência de enfermagem aplicada à ginecologia e obstetrícia (gestação, parto e puerpério fisiológicos e de risco), incluindo aspectos clínicos e cirúrgicos de média complexidade.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Ministério da Saúde. Assistência pré-natal: Manual técnico / equipe de elaboração: Janine Schirmer et al. 3. ed. Brasília: Secretaria de Políticas de Saúde – SPS /Ministério da Saúde, 2000, 66 p.

_____. _____. *Urgências e Emergências Maternas: guia para diagnóstico e conduta em situações de risco de morte materna*. 2. ed. Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Área técnica da Saúde da Mulher. Brasília: Ministério da Saúde, 2000, 119 p.

_____. _____. *Gestação de Alto Risco*. Brasília: Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica da Saúde da Mulher. 2000, 164 p.

_____. _____. *Violência Faz Mal à Saúde*. Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Área técnica da Saúde da Mulher. Brasília: Ministério da Saúde, 2004, 295 p.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde da Mulher. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher. Brasília; 2001.

RESENDE, J., MONTENEGRO, CAB. *Obstetrícia fundamental*. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

CARVALHO, MR.; TAMEZ, R. *Amamentação – bases científicas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. Ziegel, EE.; Cranley, MS. *Enfermagem obstétrica*. Interamericana, Rio de Janeiro, 8 ed., 1985

49. ENFERMAGEM PEDIÁTRICA E NEONATOLÓGICA II

Metodologia da assistência de enfermagem aplicada ao recém-nascido e à criança sadios e com afecções prevalentes, em unidades hospitalares.

BIBLIOGRAFIA

BEHRMAN, R. E. & KLIEGMAN, R. M. Nelson - *Tratado de pediatria*. 17 ed. Guanabara Koogan. 2004

BOWDEN, V.R.; GREENBERG, C.S. *Procedimentos de enfermagem pediátrica*. Trad. Claudia Lúcia Caetano de Araújo, Ivone E, Cabral, 2005.

HOCKENBERRY, M. J.; WILSON, D.; WINKELSTEIN, M. L. Wong – *Fundamentos de enfermagem pediátrica*. 7ª ed. Trad. Danielle Corbett. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

WONG, D. L. Whaley & Wong - *Enfermagem pediátrica: elementos essenciais à intervenção efetiva*. Tr. C..L.C. Araújo et al. RJ. Guanabara Koogan, 1999.

50. ENFERMAGEM HEBIÁTRICA

Condições de vida e saúde do adolescente. Adolescência normal e suas transições. Problemas e agravos à saúde do adolescente. Metodologia da assistência de enfermagem aplicada ao adolescente.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M.G.; SILVA, L.B. *Juventudes e sexualidade*. UNESCO. 2004.

Educação/UNESCO/UNICEF. *Saúde e Prevenção nas Escolas*. Brasília/DF, 2006.

BRASIL, Coordenação Nacional de DST/AIDS. *Manual do multiplicador: adolescente*, Ministério da Saúde, Brasília/DF, 2000.

FERRIANI, M.G.C. *A inserção do enfermeiro na saúde do escolar*. São Paulo: EDUSP, 1991.

FIGUEIREDO, N.M.A. *Ensinando a cuidar em Saúde Pública*. Ed. Yendis, São Caetano de Sul/SP, 2005.

OUTEIRAL, J. *A adolescência e a sexualidade*. In: *Adolescer - estudos revisados sobre adolescência*. 2ª ed. Revinter, p.15-20, Porto Alegre/RS, 2003.

PIGOZZI, V. *Adolescente – viva em harmonia com ele*. Ed. Gente, São Paulo/SP, 2005.

WONG, L. et al. *Fundamentos de enfermagem pediátrica*. Ed. Elsevier. Rio de Janeiro/RJ, cap.: 15, 16, 17 (promoção da saúde do adolescente e da família). Tradução.

51. ADMINISTRAÇÃO II

Políticas públicas do SUS para gestão de recursos físicos, financeiros, materiais e humanos. Poder e cultura nas organizações. O gerenciamento de enfermagem nos contextos públicos (hospitalar e unidades de saúde), privados e outras modalidades assistenciais. Planejamento estratégico e normativo. Gerenciamento de recursos humanos, dimensionamento, recrutamento e seleção, educação continuada, avaliação de desempenho, liderança, supervisão, comunicação, relações de trabalho e processo

grupal. Avaliação da qualidade nos processos de trabalho: custos, auditoria, acreditação. Qualidade de vida e saúde do trabalhador.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Secretaria nacional de Ações Básicas de Saúde. Normas e Padrões de Construções e Instalações de Serviço de Saúde.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
http://portal.saude.gov.br7portal/arquivos/pdf/portaria687_2006_anexo01.pdf

BRASIL. Brasília. OPAS/FLH/FBH. Acreditação de hospitais para America Latina e o Caribe / H. M. Novaes e J. M. Paganini. 1992

BERTELLI, SB. *Gestão de Pessoas em Administração Hospitalar*. Rio de Janeiro: QUALITYMARK, 2004.

BERWICK, DM; GODFREY, AB; ROESSNER, J. *Melhorando a qualidade dos serviços médicos, hospitalares e da saúde*. Trad. de José Carlos Barbosa dos Santos. São Paulo: Makron Books, 1994.

BEZERRA, ALQ. *O Contexto da Educação Continuada em enfermagem*. 1ª Ed. São Paulo: Martinari, 2003.

BORK, AMT. *Enfermagem de Excelência: da Visão à Ação*: Guanabara Koogan. 1ª ed - 2003 .

D'INNOCENZO, M; FELDMAN, LB; FAZENDA, NRR ; HELITO, R.A.B ; RUTHES RM. *Indicadores, Auditorias, Certificações: Ferramentas de Qualidade para Gestão em Saúde*. São Paulo: Martinari, 2006.

FELDMAN, LB. *Como alcançar a Qualidade nas Instituições de Saúde* . São Paulo: Martinari, 2004.

GIL, A C. *Gestão de pessoas*. Enfoque nos papéis profissionais. 1ª ed. ATLAS - 2001 - 312pág

GONÇALVES, EL. *Administração de Recursos Humanos nas Instituições de Saúde*. São Paulo: Pioneira, 1987.

HIRATA, MH; MANCINI FILHO, J. *Manual de Biossegurança*. São Paulo: Manole, 2002. 496 p

DUTRA, JS. *Gestão por competências: um modelo avançado para o gerenciamento de pessoas*. 6 ed. São Paulo : Gente, 2006.

CUNH, KC. *Gerenciamento na enfermagem: novas práticas e competências* São Paulo: Martinari, 2005. 118p

KURCGANT P.; MASSAROLO, MCKB. *Cultura e poder nas organizações de saúde*. In: KURCGANT P, et al. *Gerenciamento em Enfermagem*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005.

MALAGUTTI, W; CAETANO, KC. *Gestão do serviço de enfermagem no mundo globalizado*. São Paulo: Rubio, 2009. 328p.

MARX, LC; MORITA, CL. *Manual de Gerenciamento de Enfermagem*. São Paulo; EPUB; 2003. 108 p.

MARQUIS, BL.; HUSTON, CJ. *Administração e Liderança em Enfermagem: Teoria e Aplicação*. 4ª ed. Editora Artes Médicas Sul Ltda. Porto Alegre, 2005.

MOTA, PR. *Gestão contemporânea: A ciência e a arte de ser dirigente*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MEZOMO, JC. *Gestão da qualidade na saúde: princípios básicos*. Barueri: Manole, 2001.

ZANON, U. *Qualidade da assistência médico-hospitalar: conceito, avaliação e discussão dos indicadores de qualidade*. Rio de Janeiro: MEDSI, 2001.

52. GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Perspectivas de gestão e organização do trabalho pedagógico: concepções e práticas, democratização e a autonomia da escola; projeto político pedagógico; política de formação e profissionalização docentes: formação inicial e continuada, plano de cargos e salários.

BIBLIOGRAFIA

ALBORNOZ, Suzana. *O que é trabalho*. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção Primeiros Passos).

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho – ensaios sobre as metamorfoses do mundo do trabalho*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. *Os sentidos do trabalho – ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2000.

DOURADO, Luiz F. Políticas e gestão da educação básica no Brasil: limites e perspectivas. *Educação & Sociedade*, out. 2007, v.28, n.100, p.921-946.

FERRETI, Celso J., SILVA JR, João dos Reis e OLIVEIRA, Maria Rita N.S. *Trabalho, formação e currículo – para onde vai a escola?* São Paulo: Xamã, 1999.

FONSECA, Marília; TOSCHI, Mirza Seabra e OLIVEIRA, João Ferreira (orgs.) *Escolas gerenciadas: planos de desenvolvimento e projetos político-pedagógicos em debate*. Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

FRIGOTTO, G. *Educação e a crise do capitalismo real*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

GOHN, Maria da Glória. *Conselhos Gestores e participação sociopolítica*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Questões da nossa época).

LIBÂNEO, J.C. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 3.ed. Goiânia, GO: Alternativa, 2001.

OLIVEIRA, Carlos Roberto de. *História do trabalho*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1998. (Série Princípios)

_____ ; ROSAR, Maria de Fátima Félix (Orgs.) *Política e gestão da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. *Gestão democrática da educação: desafios contemporâneos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. As reformas educacionais e suas repercussões sobre o trabalho docente. In. OLIVEIRA, Dalila Andrade (org.). *Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (p.13-37)

PARO, Vitor H. *Administração escolar: introdução crítica*. São Paulo: Cortez, 1988.

PARO, Vitor H. *Por dentro da escola pública*. São Paulo: Xamã, 1996.

VEIGA, Ilma P. e Resende, Lúcia M. Gonçalves (orgs.). *Escola: espaço do projeto político-pedagógico*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

_____ e FONSECA, Marília (orgs.). *As dimensões do projeto político-pedagógico*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

53. ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LICENCIATURA II

Planejamento e implementação de atividades de ensino-aprendizagem com base nos problemas identificados. Prática pedagógica problematizadora em instituições de ensino profissionalizante na área da saúde na perspectiva de formação de recursos humanos para o SUS.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. 24ªed. São Paulo: Ed. Brasiliense; 1989 (Coleção Primeiros Passos).

_____. *O que é método Paulo Freire*. 17ªed. São Paulo. Ed. Brasiliense; 1991(Coleção Primeiros Passos).

MIZUKAMI, M. G. *Ensino. As abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo, ed. Paz e Terra, 1997.

SAVIANI, D. *Escola e democracia*. 39ª ed. Autores associados. Campinas/SP. 2007.

SEBER, M. G.; LUIS, V. L. *PIAGET o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio*. Ed. Scipione. São Paulo, 2006.

54. TECNOLOGIA E COORDENAÇÃO DE GRUPO NO CONTEXTO DA SAÚDE

Fundamentos teóricos e técnicos da dinâmica de grupo. Planejamento, organização e funcionamento de grupos. O grupo como recurso na assistência em saúde, enfermagem e no processo de gestão de pessoas.

BIBLIOGRAFIA

BERBUSA AAS, RICCIO GMG. *Trabalho em equipe – instrumento básico de enfermagem*. In: Cianciarullo TI. Instrumentos básicos para o cuidar: um desafio para a qualidade da assistência. São Paulo: Atheneu; 1996.

BITENCOURT C(org.) *Gestão Contemporânea de pessoas*. São Paulo: Artmed; 2004.

FELLI VEA, PEDUZZI M. O trabalho gerencial em enfermagem. In:Kurgant P. (Org.). Gerenciamento em enfermagem. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan; 2005.

MERHY EE, FRANCO TB. *Por uma composição técnica do trabalho em saúde centrada no campo relacional e nas tecnologias leves*. Apontando mudanças para os modelos tecno-assistenciais. Saúde em Debate 2003; 27(65): 316-323.

MOSCOVICI F. *A organização por trás do espelho: reflexos e reflexões*. Rio de Janeiro. José Olympio; 2001.

MOSCOVICI F. *Desenvolvimento interpessoal*. Rio de Janeiro. José Olympio; 2001.

PEREIRA AA, GONÇALVES B, FERNANDES MBV, PINTO MAF, ANTÔNIO MS. *Motivação da equipe de enfermagem: competência dos enfermeiros*. In: Cunha KC (cood.). Gerenciamento na enfermagem: novas práticas e competências. São Paulo: Marinari; 2005.

55. FILOSOFIA E ENFERMAGEM

História da filosofia ocidental. Temas em filosofia e interfaces com a enfermagem. Processo de desenvolvimento das teorias de enfermagem e sua aplicabilidade.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, M. C. P.; ROCHA, J. S. Y. *O saber de Enfermagem e sua dimensão prática*. São Paulo, Cortez, 1986.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo, Moderna, 1998.

BUZZI, A. R. *Filosofia para principiantes: a existência humana no mundo*. 12a ed., Petrópolis, Vozes, 2001.

CASSIRER, E. *Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. S. Paulo, Martins Fontes, 1994.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. 12a ed., São Paulo, Ática, 1999.

GASSET, J. O. *Que é filosofia?* Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americana, 1971

JACQUARD, A. *Filosofia para não-filósofos*: respostas claras e lúcidas para questões essenciais. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro, Campus, 1998.

LUCKESI, C. C.; PASSOS, E. S. *Introdução à Filosofia*: aprendendo a pensar. São Paulo, Cortez, 1996.

MARCONDES, D. *Iniciação à história da Filosofia*: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

MOREIRA, R. V. O. *A outra margem*: Filosofia, teorias de enfermagem e cuidado humano. Fortaleza, Casa de José de Alencar, 2001.

PRADO Jr. *O que é filosofia?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

REZENDE, A. M. *Saúde*: dialética do pensar e do fazer. São Paulo, Cortez, 1989.

SANTOS, J. F. *O que é pós-modernismo*. São Paulo, Brasiliense, 1997. HAUÍ, M. et. al. *Primeira Filosofia*: lições introdutórias. São Paulo: Brasiliense, 1984.

56. ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENFERMAGEM I

Estágio supervisionado nos Campi Avançados da UFG, ambulatórios, rede básica de serviços de saúde e comunidade. Planejamento, execução e avaliação da assistência de enfermagem a indivíduos, famílias e comunidade, observando os princípios e pressupostos do SUS. Prática gerencial em enfermagem.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Ministério da Saúde. *Guia de vigilância Epidemiológica*. Brasília, centro de documentação do Ministério da Saúde. 1995.

BRASIL, Ministério da Saúde, Fundação Nacional de Saúde. Manual de procedimentos para vacinações. Brasília 2001.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

http://portal.saude.gov.br7portal/arquivos/pdf/portaria687_2006_anexo01.pdf

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL, Ministério da Saúde. Carta dos direitos dos usuários do SUS. Brasília, Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL, Ministério da Saúde, Departamento de Atenção Básica. Guia prático do programa de Saúde da Família. Brasília, 2001.

BRASIL, Ministério da Saúde, Fundação Nacional de Saúde. Dengue, instruções para pessoal de combate ao vetor: manual de normas técnicas, 3 ed. Brasília 2001.

BRASIL, Ministério da Saúde, Manual do programa de assistência integral a Saúde da criança, Módulo vigilância do crescimento e desenvolvimento da criança. Brasília, 1986.

BRASIL Ministério da Saúde, Assistência pré-natal: Manual técnico / equipe de elaboração: Jaime Schirmer et al. 3. Ed Secretaria de Políticas de Saúde – SPS / Ministério da Saúde, 2000, 66p.

BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de políticas de Saúde, área técnica da Saúde da Mulher. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher. Ministério da Saúde, Secretaria de políticas de Saúde, área técnica da Saúde da mulher. Brasília: Ministério da Saúde, 2001, 199 p.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas Saúde. Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). Centro e AIDS Manual de Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis. (www.aids.gov.br), 2000.

DUCAN, B.B. et al *Medicina Ambulatorial: condutas clínicas em atenção primária*. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

DUTRA. L.S. *Gestão de Pessoas, Modelo, processo, tendências e perspectivas*. Atlas, São Paulo, 2002.

CARVALHO, G.I. SANTOS, *Sistema único de Saúde: comentários à Lei Orgânica da Saúde*. São Paulo, 2ª ed, Hucitec, 1995.

CZERESNIA, D.O.; FREITAS, C.M. *Promoção da Saúde: Conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.

MENDES, E. V. et. al. *Distrito Sanitário: O Processo social de mudança das práticas sanitárias do Sistema Único de Saúde*. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

ROQUEIROL. M. z., *Epidemiologia e Saúde*, 6ª ed. Rio de Janeiro, MEDGI, 2003.

57. ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENFERMAGEM II

Estágio supervisionado em hospitais gerais e especializados do Sistema Único de Saúde (SUS). Prática gerencial em enfermagem. Planejamento, implementação e avaliação da assistência e do serviço de enfermagem. Desenvolvimento de recursos humanos na área de saúde.

BIBLIOGRAFIA

BERTELLI, S B. *Gestão de Pessoas em Administração Hospitalar*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: QUALITYMARK, 2004.

BEZERRA, A L Q. *O Contexto da Educação Continuada em enfermagem*. 1ª Ed. São Paulo: Martinari, 2003.

BORK, A M T. *Enfermagem de Excelência: da Visão à Ação* : Guanabara Koogan. 1ª Edição - 2003 - 201 pág.

CHIAVENATO, I *Administração: teoria, processo e prática*. 1ª Edição CAMPUS - 2006 - 450 pág.

CHIAVENATO, I. *Gestão de Pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações*. Rio de Janeiro, Campus, 1999.

CZAPSKI, C A. *Qualidade em estabelecimentos de saúde*. 1ª ed. São Paulo: SENAC 1999.

FELDMAN, L. B *Como alcançar a Qualidade nas Instituições de Saúde* 1ª. ed. São Paulo: Martinari, 2004

GONÇALVES, E. L. *Gestão Hospitalar. Administrando o Hospital Moderno*. São Paulo: Saraiva, 2006.

KURCGANT, P. *Gerenciamento em Enfermagem*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan., 2005

MARX; L.C.; MORITA, C. L. *Manual de Gerenciamento de Enfermagem*. São Paulo; EPUB; 2003. 108 p.

MERHY, E E; ONOCKO, R; *Agir em saúde: um desafio para o público*. 2ª Edição. São Paulo: HUCITEC, 2002.

MOTA, PR. *Gestão contemporânea: A ciência e a arte de ser dirigente*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MEZOMO, J. C. *Gestão da qualidade na saúde: princípios básicos*. Barueri: Manole, 2001.

MUNARI, D. B. *Enfermagem e grupos*. Goiânia, AB, 1997.

SANTOS, A S; MIRANDA, S. M. R.C. *Enfermagem na Gestão em Atenção Primária a Saúde*. 1ª ed.: Manole, 2006.

ZANON, U. *Qualidade da assistência médico-hospitalar: conceito, avaliação e discussão dos indicadores de qualidade*. Rio de Janeiro: MEDSI, 2001.

58. ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LICENCIATURA III

Estágio supervisionado em hospitais gerais e especializado, em ambulatórios, na rede básica de serviços de saúde, em comunidades e instituições de ensino profissional. Prática gerencial em enfermagem, planejamento, implementação e avaliação da assistência e do serviço de enfermagem. Desenvolvimento de Recursos Humanos na área da saúde.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA M.C.P., Rocha SMM. *O trabalho de enfermagem*. São Paulo: Cortez; 1997. Cap. 1, 3 e 8. (1 exemplar).

DIAZ – BORDENAVE, J D; PEREIRA, A M. *Estratégias de ensino – aprendizagem*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

CHIAVENATO, I. *Introdução à teoria geral da administração*. 3.ed., São Paulo, McGraw-Hill, 2000.

CHIAVENATO, I. *Introdução à teoria geral da administração*. 7.ed., São Paulo, McGraw-Hill, 2004.

59. ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENFERMAGEM III

Estágio supervisionado em hospitais gerais e especializados, em ambulatórios, na rede básica de serviços de saúde ou em comunidades. Prática gerencial em enfermagem. Planejamento, implementação e avaliação da assistência e do serviço de enfermagem. Desenvolvimento de recursos humanos na área de saúde.

BIBLIOGRAFIA

BEZERRA, A L Q. *O Contexto da Educação Continuada em enfermagem*. 1ª Ed. São Paulo: Martinari, 2003.

BORDENAVE, Juan Diaz e col. *Estratégias de ensino Aprendizagem*. 16ª ed. Petrópolis RJ: Vozes, 1995.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão de Investimentos em Saúde. Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem. Fundação Oswaldo Cruz. Formação pedagógica em educação Profissional na área da saúde: enfermagem. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Educação profissional: referências curriculares para a educação profissional de nível técnico. Brasília: MEC, 2000.

CHIAVENATO, I *Administração: teoria, processo e prática*. 1ª Edição *CAMPUS* - 2006 - 450 pág.

CHIAVENATO, I. *Gestão de Pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações*. Rio de Janeiro, Campus, 1999.

KURCGANT, P. *Gerenciamento em Enfermagem*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan., 2005

MARQUIS, B.L.; HUSTON, C.J. *Administração e Liderança em Enfermagem: Teoria e Aplicação*. 2ª ed. Editora Artes Médicas Sul Ltda. Porto Alegre, 1999.

MUNARI, D. B. *Enfermagem e grupos*. Goiânia, AB, 1997.

61. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

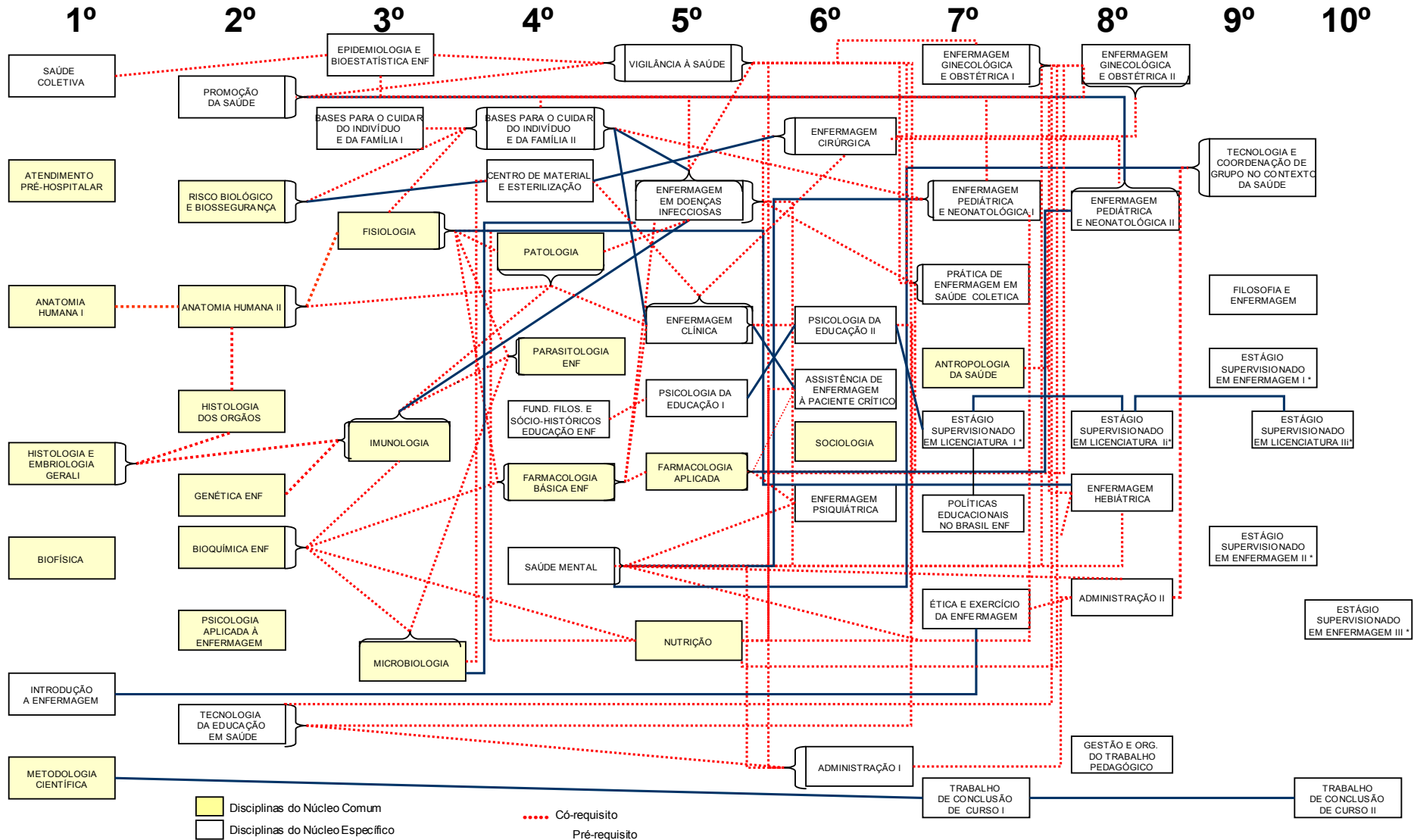
Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, A. J.; LEHFELD, N. S. *Fundamentos de metodologia*. São Pulo, McGraw-Hill, 1986.

- CARVALHO, M. C. M. *Construindo o saber: metodologia científica - fundamentos e técnicas*. 5ª ed. Campinas (SP), Papirus, 1995.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo, Cortez, 1991.
- DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo, Atlas, 1985.
- FAZENDA, I. et al. *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo, Cortez, 1991.
- HAGUETTE, M. T. V. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis, Vozes, 1992.
- HEAT, O. V. S. *A Estatística na pesquisa científica*. São Paulo, EPU, 1981.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo, Atlas, 1985.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU, 1986.
- MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo, Editora Moraes/EDUC, 1989.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/Rio de Janeiro, HUCITEC/ABRASCO, 1983.
- MINAYO, M. C. S. et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. *Fundamentos de pesquisa em Enfermagem*. Tradução de Regina M. Garcez. 3 ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
- REY, L. *Planejar e redigir trabalhos científicos*. São Paulo, Editora Edgard Blücher Ltda., 19878.
- RUDIO, F. V. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Petrópolis, Vozes, 1994.

Fluxo Curricular - Específico da Profissão e Licenciatura



* Disciplinas que poderão ser cursadas no 9º ou 10º período